

O *Portador da Luz para buscadores da verdade*

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia - a fonte comum de todas as grandes religiões do mundo, filosofias e ciências.

Como provar a
Teosofia?
H.P. Blavatsky e os
seus sucessores

Três níveis de
recordação:
instinto, consciência
e intuição

Kali-Yuga: uma idade
de crescimento
ou de decadência
espiritual?

Rāja e Hatha Ioga



Ilustração na capa:

Estátua do Bodhisattva do séc. IV-V da era comum. Esta estátua foi feita no antigo reino budista de Gandhara, localizado na região do atual Noroeste do Paquistão e Leste do Afeganistão. O estilo Gandhara foi fortemente influenciado pela cultura Grega, pois pertenceu aos domínios de Alexandre, o Grande.

Sumário Lúcifer – o Portador da Luz

Julho 2016

Introdução

Lúcifer, o Portador da Luz

Edição especial

2

Herman C. Vermeulen

Como provar a Teosofia?

H.P. Blavatsky e os seus sucessores

3

A Teosofia não é uma religião. E certamente não é uma crença. Todos os líderes teosóficos, enfaticam e repetidamente declararam que deveríamos investigar a Teosofia por nós próprios. Mas como? E como sabemos que é verdade? Se não temos que depositar uma fé cega nos líderes teosóficos, então que papel desempenham eles?

Barend Voorham
e Herman C. Vermeulen

Três níveis de recordação: instinto, consciência e intuição

11

A consciência composta do ser humano pode clarificar o mistério da memória.

Barend Voorham

Kali-Yuga: uma idade de crescimento ou de decadência espiritual?

16

Vivemos tempos de inquietude. De acordo com algumas pessoas os tempos são tão negros e sinistros, que estamos caminhando rapidamente para a nossa perdição. “Vivemos no fim dos tempos”, dizem as pessoas. Diz-se que isto está relacionado com o Kali-Yuga, a Idade do Ferro. É na verdade o Kali-Yuga uma idade tão negra?

Esta é uma investigação aos antigos textos hindus e à nossa era moderna.

Barend Voorham



Râja e Hatha Ioga

27

Para a maior parte das pessoas no mundo ocidental a prática do ioga é uma forma popular de exercício físico e de controlo da respiração. Este sistema particular de ioga é conhecido como Hatha Ioga. Contudo, existem muitos outros sistemas de ioga, como o Râja Ioga. Este artigo debruça-se especialmente sobre estes dois – por vezes contraditórios – sistemas de ioga.

Barend Voorham

Fundação I.S.I.S. e o curso *Pensar Diferente*

35



Introdução

Lúcifer, o Portador da Luz Edição especial

Desde 1979, a Seção Holandesa da Sociedade Teosófica Point Loma Blavatskyhouse em Haia, na Holanda, publica a revista “Lúcifer, o Portador da Luz”. Nesta revista, todos os tipos de questões – sociais, religiosas, filosóficas e científicas – são discutidas à luz da Teosofia. Graças aos vários artigos, os leitores podem desenvolver uma visão diferente sobre determinados acontecimentos e serem inspirados a aplicar a Teosofia de forma prática nas suas vidas.

Nos últimos dez anos, tem havido uma intensa troca de ideias e estabeleceu-se uma cooperação entre membros de várias organizações teosóficas no mundo inteiro. Os editores da “Lúcifer” acharam que era uma obrigação publicar também a “Lúcifer” em inglês. Comprovou-se que isto satisfazia uma necessidade, porque a “Lúcifer” em inglês, também disponível em formato digital, encontrou leitores em todos os cantos do mundo, ampliando assim a rede de contatos internacionais.

Artigos da “Lúcifer” em inglês foram traduzidos para o alemão. Na Costa Rica apareceu uma edição especial da “Lúcifer” em espanhol sobre as Sete Joias da Sabedoria. Também um teósofo português, Paulo Baptista, editor do blogue Lua em Escorpião, traduziu quatro artigos de várias edições da “Lúcifer” em inglês para o português e disponibilizou-os no seu blogue.

Graças à cooperação internacional entre muitos teósofos, que ocorre especialmente durante as Conferências Internacionais de Teosofia (ITC), também se desenvolveu um relacionamento amigável com os teósofos brasileiros. Um dos membros da Sociedade Teosófica Point Loma foi convidado a dar cinco palestras na XXII Escola Teosófica Internacional em Brasília, em julho 2016. Isto pareceu-nos uma boa oportunidade para juntar os quatro artigos já traduzidos em português e fazer uma edição especial da “Lúcifer”. Esta “Lúcifer” em português foi impressa em número reduzido, mas também pode ser encontrada em formato digital no site da Blavatskyhouse (www.blavatskyhouse.org/).

Esperamos que esta “Lúcifer” inspire o público leitor de língua portuguesa. Como sempre, os seus comentários e perguntas, bem como as suas sugestões são bem-vindas. Quem desejar ser informado sobre as nossas atividades internacionais, deve consultar o nosso site, onde podem também subscrever a versão inglesa “Lúcifer”.

Herman C. Vermeulen



Como provar a Teosofia?

H.P. Blavatsky e os seus sucessores

Ideias chave:

- » Prova é a convicção para o coração, a mente e os sentimentos.
- » Podemos ser convencidos por três causas: percepção da verdade, confiança e crença.
- » Comece por estudar Teosofia testando os princípios.
- » A Teosofia deve ser baseada nos seus méritos intrínsecos e não na autoridade daquele que a proclama.
- » Ao tentar disseminar a Teosofia, H.P. Blavatsky, emissária dos Mestres, colocou a primeira pedra. Depois da sua morte, os Mestres continuaram a apoiar o trabalho.

A Teosofia não é uma religião. E certamente não é uma crença. Todos os líderes teosóficos, enfaticam e repetidamente declararam que deveríamos investigar a Teosofia por nós próprios. Mas como? E como sabemos que é verdade? Se não temos que depositar uma fé cega nos líderes teosóficos, então que papel desempenham eles?

Como sabemos que alguma coisa é verdade? Se foi provada. Mas o que é uma prova?

Uma prova é informação que mostra que algo é definitivamente verdade. É um fator externo e dá garantia decisiva da correção de algo. É como um apresentador de concursos, que avalia a resposta a uma questão, se está certa ou errada. O seu julgamento não pode ser disputado.

A realidade, contudo, é diferente, porque a prova está sempre relacionada com a consciência individual do homem. Gottfried de Purucker, quarto líder da Sociedade Teosófica (S.T.), descreve-a como “a convicção de que uma coisa é verdade para a mente pensante”. Ele acrescenta, “se pela adução de provas, a mente não é influenciada a acreditar que determinada coisa é verdade, essa coisa não foi provada, embora possa ser verdade.”⁽¹⁾

Portanto, ninguém nos pode fornecer provas. Só estão disponíveis através

de auto-análise. Mas, quando é que ficamos convencidos de que algo é verdade?

Existem três aspetos principais no qual a convicção pode estar baseada: a *percepção da verdade*, a *confiança* e a *crença*. Estes três conceitos desempenham um papel importante para obter convicções e conseqüentemente provas.

A percepção de Verdade – o coração

Quando falamos de VERDADE, referimo-nos à mais elevada e universal expressão do SER. O SER é ilimitado. Nenhuma entidade é capaz de conhecê-lo, nem mesmo o deus mais exaltado, pois cada entidade é limitada e portanto não pode nunca experimentar a derradeira VERDADE. Mesmo um deus sabe que é apenas parte dela. Expandir a consciência significa tornar-se mais consciente desta Verdade Universal. O que experienciamos dela até agora é a nossa convicção derra-

deira. Estamos conscientes de algo e estamos convictos da sua verdade. A nossa percepção da Verdade é sempre limitada, mas está constantemente sujeita a crescer.

De modo a compreendermos a Verdade Universal devemos ativar os nossos aspetos mais elevados do pensamento. Podemos chamar a estes aspetos o *coração* do nosso ser. Eles constituem os aspetos divino-espirituais dentro de nós, o que em Sânscrito é chamado de *Ātman* e de *Buddhi*. É a parte de nós que compreende a unidade e a interligação de todas as entidades. É a base de toda a ética. É supra-pessoal, portanto nunca está ligado a qualquer opinião pessoal limitada.

Confiança – a cabeça

Quando somos capazes de verificar parte de uma doutrina, proposição ou hipótese ao experienciá-la na nossa vida diária como verdade – porque esta parte coincide com aquilo que já sabemos, ou expande as nossas conceções – construímos *confiança* na sua verdade. Pode ser afirmado que neste caso também existe convicção? Num certo sentido, sim, embora não atinja uma profundidade como a percepção da verdade pelo coração. Não podemos verificar e examinar toda a doutrina, mas apenas partes ou aspetos da mesma. Contudo entendemos a lógica desses aspetos e percebemos que a doutrina é consistente. Isto dá-nos a confiança de que o resto da doutrina também é verdade. Embora não consigamos ver a imagem completa, somos capazes de compreender facetas da verdade, que nos ajudam a estar convencidos de aspetos de uma doutrina, que na sua totalidade estão acima da nossa compreensão. Podemos portanto alcançar um certo nível de convicção. Esta convicção tornou-se para nós numa hipótese muito razoável.

Neste modo de pensar o intelecto é altamente eficaz, mas está focado no espiritual e no divino; esses aspetos são também parcialmente ativos. É a combinação desses três aspetos da consciência – *Ātman*, *Buddhi* e *Manas* – que nos fornece a confiança da verdade de uma doutrina. E, se aplicarmos essa doutrina consistentemente e com perseverança nas nossas vidas e se repetidamente revela ser verdade, a nossa convicção na Verdade irá sucessivamente crescer.

Crença – sentimentos interiores

Pode a convicção ser baseada na crença?

Crer é aceitar a verdade sobre algo com base na autoridade de alguém. Assume-se que alguém tem tanto conhecimento, ou é tão sábio, que o que diz é verdade. Isto pode

aplicar-se a qualquer coisa. Há a autoridade religiosa. Há a autoridade do Estado. Os pais ou os professores têm uma certa autoridade, e assim sucessivamente.

Ao terem esta crença, algumas pessoas podem ficar muito satisfeitas porque isso priva-as da sua responsabilidade. É delegada a outrem. É verdade, dizem elas, porque fulano tal assim disse. Ele comprovou que era verdade.

Obviamente que esta é a maneira mais passiva de lidar com os assuntos. Os aspetos inferiores da mente estão agora ativos e encontram-se satisfeitos, o que pode conferir um certo grau de convicção.

As leis de Newton – um exemplo

Vamos ilustrar estes três aspetos de evidência aplicando as leis de Newton.

A descoberta por Newton das três leis fundamentais da natureza foi o início de uma nova fase na ciência. Estas leis são geralmente aceites como verdadeiras. São ensinadas nas escolas e universidades. Mas a questão é: com que base presumimos que essas leis da natureza são verdadeiras? De acordo com estas leis todos os objetos exercem uma atração mútua. Podemos ver claramente que todos os objetos caem na terra. Toda a gente experiêcia a gravidade. Todos podem portanto entender que os objetos são atraídos para a Terra. Mas a lei da gravidade também ensina que todos os objetos caem ao mesmo tempo se atirados a uma distância similar. Esta última parte não é confirmada pela nossa observação. Quando se deixa cair uma pena e uma peça de chumbo da mesma altura, elas não atingem simultaneamente o chão. Será que, não obstante, ainda acreditamos em Newton, que alega que todos os objetos caem com a mesma aceleração?

Uma análise mais atenta mostra contudo que as propriedades aerodinâmicas da atmosfera exercem uma influência altamente disruptiva na velocidade dos objetos. Isto foi demonstrado muitos anos depois de Newton no que se designa por torre de queda de vácuo. Provavelmente poucos leitores de *Lúcifer* repetiram os testes com uma torre de queda. Não determinaram pela sua própria observação que as leis de Newton são efetivamente corretas. Apenas aqueles que o fizeram, *experienciaram* efetivamente a verdade. Mas, a maior parte das pessoas apenas observou que os objetos caem na terra. Portanto, se querem assumir as leis de Newton como verdadeiras, elas devem ter *confiança* em Newton e noutros investigadores que recolheram mais informação sobre este tópico. Eles obtêm essa confiança ao ponderar de forma independente os detalhes das várias investigações. Devem ser ativos na procura de



A “Fallturm Bremen” é uma torre de queda livre no Centro de Tecnologia Espacial Aplicada e Microgravidade (ZARM) da Universidade de Bremen, na Alemanha. Tem um tubo de 123 metros (a verdadeira distância de queda são 110 m), no qual 4.74 segundos de ausência de gravidade podem ser conseguidos.

compreenderem.

Outros podem nunca ter refletido sobre a gravidade. *Acreditam* na autoridade dos cientistas ou dos professores de que Newton estava certo. Assumem que ele e os físicos depois dele são pessoas de tal modo inteligentes que o mais provável é que estejam certos. Portanto, existem três gêneros de convicção, ou três tipos de humanos: aqueles que acreditam, aqueles que têm confiança e aqueles que sabem. É claro que existem combinações destes três tipos.

A mensagem de H.P. Blavatsky

Vamos agora olhar para o nosso objeto principal, a *Theo Sophia*. Esta “Sabedoria Divina” foi trazida por H.P. Blavatsky no final do século XIX. Mais tarde foi desenvolvida e disseminada por outros.

Blavatsky demonstrou nos livros e nos muitos artigos que escreveu, as implicações da Teosofia. Ela explicou os ensinamentos teosóficos ao usar os exemplos correntes

de então. Algumas das teorias científicas do seu tempo estão obsoletas. Mas ela apenas usou esses exemplos para explicar os princípios universais. As descobertas recentes podem muitas vezes ilustrá-los melhor, portanto o que mais interessa são as doutrinas e não os exemplos.

Um outro ponto é o de que a Teosofia contém um vasto campo de ensinamentos. Oferece uma visão nítida em relação a cada tópico. Não existe assunto em relação ao qual a *Theo Sophia* não tenha uma visão. Às vezes os ensinamentos são muito detalhados e é difícil encontrar o nosso caminho através de um labirinto de informação. Não conseguimos ver a madeira nas árvores.

Se contudo queremos encontrar a verdade, não devemos começar com os detalhes, mas com uma perspectiva mais ampliada. Por outras palavras: quais são os princípios da Teosofia?

Ora, estes princípios são claros como a água. Não são dogmas, mas devemos tomá-los como hipóteses ou axiomas.⁽²⁾ Os princípios centrais são: 1) ilimitabilidade 2) ciclicidade 3) evolução progressiva e absoluta igualdade entre todos os seres vivos.

Por outras palavras, todos os seres vivos estão no seu núcleo ilimitado. E, ao estarem nas profundezas dos seus corações ilimitados, existe uma absoluta igualdade. Num processo cíclico eles aparecem e desaparecem. Durante o período no qual aparecem nesta etapa na Terra, eles têm a possibilidade de desenvolver mais do seu infinito potencial. Destas três ideias básicas podemos deduzir que cada fenómeno é a manifestação da consciência, a manifestação de um poder ou de uma substância formativa subjacente mais etérica. Um fenómeno é portanto como uma sombra: vai e vem, enquanto a força que projeta a sombra subsiste. Todos os ensinamentos teosóficos, até ao mais pequeno pormenor, são baseados nestas ideias centrais. São emanadas logicamente a partir dessas ideias e nunca podem contradizê-las.

Prova

Podem estas ideias teosóficas centrais ser provadas? Podemos estar convencidos da sua verdade?

Neste ponto temos de ser realistas. A forma mais elevada de prova é perceber, reconhecer, entender e experienciar a verdade por nós próprios. A maior parte das pessoas não é ainda capaz de experienciar muita da Teosofia. O PRINCÍPIO Omnipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, que é o ponto de partida de todo o sistema teosófico, não pode ser experienciado nem mesmo pelos deuses. Se algum ser *experienciar* o Ilimitado, dá expressão a ISSO e

não é mais um ser ou em ego, porque um ser, por maior que possa ser, é sempre limitado. É por essa razão que nenhuma entidade é por definição capaz de entender completamente o Ilimitado.

A maioria das pessoas também não é capaz de experimentar a reencarnação conscientemente. Quando caímos no sono perdemos a nossa autoconsciência. Tal como quando adormecemos, passamos pelo processo de morrer e nascer inconscientemente e não podemos adquirir conhecimento em primeira mão.

Mas no domínio da *confiança* nós podemos conseguir completamente um certo grau de prova. Podemos considerar os princípios teosóficos como hipóteses e testá-las com as verdades que já experienciámos. Além disso, podemos examinar se eles coincidem com aquilo que percebemos à volta de nós. Avaliamos de modo crítico se as ideias teosóficas são consistentes e lógicas e respondemos a todo o tipo de questões.

Desta forma, com base na razão e na lógica, podemos formar a ideia do Ilimitado. É claro que esta ideia não é perfeita. Como seria isso possível? Mas ao menos iremos entender que a finitude é ilógica por natureza e contrária às observações humanas, pois nem no microcosmos, nem no grande universo nos deparamos com limites. Não apontam os factos científicos sobre o átomo e o universo na direção da infinitude? Ficamos portanto confiantes de que o conceito do ilimitado esteja correto?

Com respeito à reencarnação, também podemos dizer que é uma doutrina lógica. Em toda a natureza existem ciclos. Podemos encontrá-los ciclicamente quer na nossa vida quer nas civilizações humanas. Além disso, muitos fenómenos psicológicos são elucidados e explicados com o conceito da ciclicidade.

Também podemos *acreditar* na Teosofia. Não raciocinamos por nós próprios, mas cremos nos outros. Talvez tenhamos fé nela porque o nosso companheiro diz-se teosofista, ou porque achamos os teosofistas boas pessoas e de confiança. Esta crença é obviamente a forma mais fraca de convicção, porque se nosso o companheiro nos desiludir ou se perdermos os nossos amigos teosofistas, a base da nossa crença desaparece também.

Pistis: confiança espiritual

As provas efetivas de uma doutrina devem portanto ser encontradas na nossa própria consciência. Não podem ser fornecidas por outrem, por mais sábio que seja. Não obstante, podemos ter uma enorme confiança naquele que proclama uma doutrina.

Talvez pareça que chegámos tortuosamente ao ponto em que devemos aceitar uma doutrina baseada na autoridade de outrem. Estamos aqui a nos contradizer? Antes de mais, temos de entender que todos nós assumimos certas posições porque confiamos noutras pessoas. Poucos leitores já alguma vez pisaram o Pólo Norte. Contudo, a maior parte assume que o mesmo existe. Têm confiança nos relatos sobre esta região inóspita e assumem que as imagens daqueles mantos de gelo não são manipuladas. Contudo, esta confiança não é uma crença cega. É mais um reconhecimento, baseado na lógica e na nossa própria experiência, da correção da perspectiva de outros, que aplicamos como uma hipótese útil.

A nossa sociedade não pode existir sem esta confiança. Afinal, se não confiássemos no electricista, no condutor de autocarros, no médico e no padeiro não poderíamos viver juntos harmoniosamente. Pela mesma razão podemos ter fé nos instrutores espirituais.

Quando esta confiança tem mais a ver com temas espirituais, pode ser chamada, tal como na Grécia antiga de *Pistis*. Esta palavra pode ser traduzida como “fé” ou às vezes como “crença”. Contudo, é baseada na razão e em saber intuitivamente que algo é verdade. Não é crença cega. É um conhecimento interno, livre de preferências pessoais. É-nos familiar, porque corresponde com as nossas próprias experiências e identifica-se com o fundamento do nosso ser.

A *Pistis* pode certamente ser útil para nós na nossa busca pela verdade. Como dissemos, as provas são a convicção do nosso pensamento. Portanto, a verdade não vem do exterior, mas deve ser desenvolvida a partir do interior. Ou melhor, deve ser reconhecida ou *relembrada*. A *Pistis* é a confiança em nós próprios. Somos capazes de encontrar a verdade, porque ela está *dentro* de nós. Platão escreveu sobre isso. Qualquer conhecimento, qualquer verdade, dizia este antigo filósofo grego, está dentro de nós. Para prová-lo, reflete em *Fédon* da seguinte maneira. Vendo um objeto – uma lira, por exemplo – podemos nos recordar de outra coisa. Ver uma rosa, pode evocar a consciência do belo. Portanto, o conceito de “belo” – Platão fala da *ideia* do belo – já está dentro de nós, mas nós não nos apercebemos. A rosa externa foi o que espoletou a recordação do conhecimento interno da ideia de belo.⁽³⁾ De facto, este é um despertar; a nossa fé em algo é sublimada até à compreensão da verdade. Vamos desde a “cabeça” ao “coração”.

Isto também funciona com certos ensinamentos. O conhecimento já está dentro de nós. Através de um mito,

de um símbolo, de um argumento ou de uma dissertação ficamos conscientes da verdade no nosso Eu. Somos parte de um todo infinito e um pouco mais de infinito também é infinito.

Confiança nos Instrutores

A Teosofia moderna foi dada à humanidade pela Sociedade Teosófica (S.T.), fundada em 1875 em Nova Iorque por H.P. Blavatsky, Henry Steel Olcott, W.Q. Judge e mais outros treze.

Contudo, estes pioneiros – pelo menos três deles – alegavam que os verdadeiros fundadores eram os Mestres de Sabedoria e Compaixão. Nos últimos 150 anos, existiram as especulações mais rebuscadas sobre quem eram estes Mestres. Poucos os conheceram. De acordo com Blavatsky, são seres humanos que estão muito acima da média dos humanos em termos de capacidades, sabedoria e especialmente compaixão.

Desde 1875, houve um dilúvio de ensinamentos teosóficos, e apesar da maior parte destes ensinamentos poder ser encontrado nos textos religiosos e filosóficos da Antiguidade, não raras vezes em linguagem velada, são tão novos e estranhos para muita da moderna humanidade, que para a parte maior dela será muito difícil compreender alguma coisa.

Viver em 2015, 140 anos depois da fundação da S.T., torna muito mais fácil entender alguns dos ensinamentos teosóficos. O karma e a reencarnação, por exemplo, são hoje em dia, mais ou menos familiares e portanto muito mais fáceis de entender. Mas no fim do século XIX tudo era novo e estranho.

Fazer um estudo dos primeiros anos da Sociedade Teosófica pode ser muito inspirador. As dificuldades que os pioneiros enfrentavam eram enormes. Existiam ataques hostis do mundo externo: cientistas que alegavam que os ensinamentos teosóficos eram superstição ultrapassada; a igreja Cristã, que não suportava o facto de a S.T. ter muita estima pelo Budismo e pelo Hinduísmo; os espiritualistas, a quem Blavatsky não negava os fenómenos, mas explicando-os de forma muito diferente. Os maiores confrontos e problemas nasceram contudo de antigos colaboradores que se opunham à S.T. e especialmente à sua principal fundadora, H.P. Blavatsky.

O facto de a S.T. ter sobrevivido a todas estas dificuldades é para muitos estudiosos uma evidência de que a mesma foi de facto preservada pelos Mestres. Durante esses primeiros anos foi também claro que Blavatsky foi o elo entre os Mestres e a S.T. É evidente que outras pessoas

contribuíram significativamente para o trabalho. Henry Steel Olcott, presidente-fundador, desempenhou um papel muito importante na organização. Mas no que respeitava aos ensinamentos, H.P. Blavatsky era a autoridade. Graças a ela, algumas pessoas ligadas à Teosofia podiam se corresponder com os Mestres. Ela era conhecida como a “carteira oculta”. Quando ela deixava de estar num certo local, a influência dos Mestres perdia também vigor. Quando, forçada pelas circunstâncias, deixou a sede na Índia, a influência dos Mestres desapareceu também.⁽⁴⁾ Embora, depois da sua morte, o seu trabalho não tenha sido devidamente estudado por todos os teosofistas, ela permanecia como uma referência. Era a portadora da luz. Mas serão os seus escritos a palavra definitiva?

Méritos intrínsecos

A própria Blavatsky afirma num artigo que a Teosofia deve-se apoiar nos seus méritos intrínsecos.⁽⁵⁾ Ela fez esta declaração no contexto da realização de fenómenos ocultos, com os quais ela tinha inicialmente tentado suscitar interesse nos ensinamentos teosóficos. A certa altura ela deixou de produzir estes fenómenos, porque não estimulavam o estudo da Teosofia, mas apenas despertavam o sensacionalismo.

Esta afirmação pode ser interpretada no sentido muito mais amplo: todos os ensinamentos, todos os textos, os de H.P. Blavatsky bem como os de outros autores teosóficos, devem provar-se por si mesmos. Não são verdade porque o autor pode produzir fenómenos ocultos ou porque foi inspirado por um Mestre. A prova é a convicção do pensamento. Chegamos a ela por pensar independentemente, não por acreditar nos outros! Quando testamos os ensinamentos com as nossas verdades já experienciadas e o teste confirma a doutrina, então podemos ter *confiança* na sua verdade. A Teosofia é por definição não dogmática. Não obstante estimemos e amemos elevadamente H.P. Blavatsky, os seus textos devem ser abordados de modo tão crítico como qualquer outro texto. A Teosofia apenas é benéfica para o ser humano, se ele entender a verdade nela. Por outras palavras, uma atitude crítica perante um ensinamento e o teste permanente, com as suas próprias faculdades internas, é uma responsabilidade que não deve ser subestimada, porque se assim não for, em quê é que estamos a basear a nossa confiança de que Blavatsky era de mensageira dos Mestres?

Claro que H.P. Blavatsky não forneceu a completa e absoluta verdade. Ela indicou os *princípios* da Teosofia aos buscadores da verdade, e deu um grande número de



formulações dos mesmos com respeito à humanidade e ao planeta, mas nunca pretendeu dar “A Sabedoria dos Deuses” na totalidade, o que para já seria impossível. No final de *A Doutrina Secreta* ela escreve que as suas “exposições estão longe de ser completas” e que apenas quis “preparar o terreno”.⁽⁶⁾ Os volumes III e IV de *A Doutrina Secreta* já haviam sido planeados e a sua publicação dependeria da recepção dos volumes I e II, embora estivessem *quase* completos. Nunca foram publicados [NT: Na sua versão original, *A Doutrina Secreta* foi publicada em dois volumes, que correspondem, grosso modo, aos primeiros quatro volumes da edição em língua portuguesa].⁽⁷⁾

Portanto Blavatsky nunca deu a última palavra, mas antes a primeira, pelo menos no impulso de 1875 da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Os ensinamentos que ela trouxe podem ser mais desenvolvidos e explicados. Ela também disse que no século XX “algum discípulo mais bem informado e com qualidades mui superiores poderá ser enviado pelos Mestres de Sabedoria para fornecer provas definitivas e irrefutáveis de que existe uma Ciência chamada *Gupta-Vidyā*; e de que, como as nascentes do Nilo, outrora envoltas em mistério, a fonte de todas as religiões e filosofias atualmente conhecidas permaneceu esquecida e perdida para a Humanidade durante muitos séculos, mas foi finalmente encontrada.”⁽⁸⁾

A Teosofia depois de Blavatsky

De modo algum queremos minimizar o papel de H.P. Blavatsky na divulgação da Teosofia, antes pelo contrário.

Ela foi aquela que, depois de muitos séculos, levantou a ponta do véu. Só alguém que sabe alguma coisa sobre ensinar *Theo Sophia*, percebe que enorme tarefa isto é. Ela era o elo com os Mestres.

Quando, depois da sua morte, alguns supostos ensinamentos espirituais são proclamados, sendo contrários ao que Blavatsky ensinou, temos simplesmente de determinar o seguinte: ou Blavatsky e os seus Instrutores estavam errados e existe aparentemente uma outra doutrina que contém mais verdade; ou então eles tinham razão. Neste caso, aquilo que é contrário a Blavatsky não é verdade. Mas isto não significa que depois dela não existiram outros representantes dos Mestres, que pudessem clarificar os textos de Blavatsky e ao fazerem-no pudessem levantar um pouco mais o véu e mostrar um pouco mais da verdade. Devemos abordar os seus ensinamentos da mesma forma que abordamos os de Blavatsky. Se os seus textos refletirem as nossas ideias que já experienciámos como verdadeiras, então podemos confiar razoavelmente nos seus ensinamentos.

De facto, cada ser pensante, quando está num estado altamente intuitivo e compassivo é capaz de encontrar um caminho para uma explicação mais profunda. Se negarmos esta possibilidade, então estamos a tornar Blavatsky num ícone. A colocá-la num pedestal. E isto será tão injusto para ela, como rebaixá-la ou ignorá-la. Em ambos os casos, isso conduz à degeneração.

A tendência para venerar a fundadora de um movimento espiritual pode ser encontrada em quase todos os movimentos espirituais. Nasce de uma sincera, mas muitas vezes cega devoção. Para dar um exemplo: embora o Buda tenha enfaticamente proclamado que o homem deve alcançar a sua própria salvação, existem Budistas que rezam a Gautama e imploram-lhe por saúde e felicidade.

Existem pessoas que têm uma imagem de Blavatsky em sua casa e em cada decisão importante “consultam” essa imagem. Blavatsky certamente não ficaria agradada. E isto é um eufemismo! Paradoxalmente, esta grande instrutora e principal fundadora da Sociedade Teosófica, é neste caso mais um obstáculo do que um auxílio para a vida teosófica, pois um teosofista deve aprender a tomar decisões de modo independente.

A verdadeira prova é a aplicação

Acreditamos que depois de Blavatsky, outros foram também ajudados e apoiados pelos Mestres. É sabido que existem cartas dos Mestres, escritas depois da morte de Blavatsky. Annie Besant da Sociedade Teosófica de Adyar

DIVISÃO TEOSÓFICA

Atma	Espírito
Buddhi	A Alma Espiritual
Manas — um princípio dual	Mente, Inteligência; que é a mente nas suas funções humana superior, cuja luz ou irradiação liga a Mônada, durante a vida, ao homem mortal
Kama rupa	A sede dos desejos e paixões animais
Linga-sharira	Corpo astral
Prana	Vida ou princípio vital
Rupa, ou Sthula-sharira	Corpo físico

MUNDO ARQUETÍPICO

ALMA DIVINA ou ENVELOPE MONÁDICO

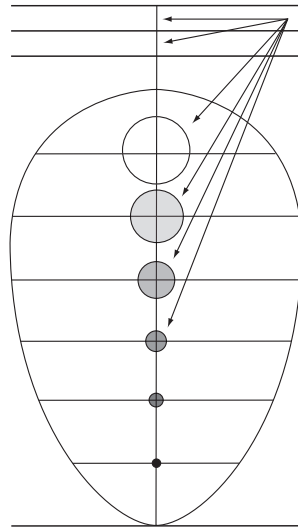
ALMA ESPIRITUAL ou MONADA INDIVIDUAL Fruto de Buddhi e Semente de Manas

ALMA HUMANA SUPERIOR Buddhi Inferior e Manas Superior

ALMA HUMANA ou HOMEM Manas, Kâma e Prâna

ALMA ANIMAL ou ALMA ASTRAL-VITAL Kâma e Prâna

ALMA FÍSICA ou CORPO Sthûla-śarira, Prâna e Linga-śarira



PARAMĀTMAN ou EU SUPREMO

ĀTMAN Ego Divino

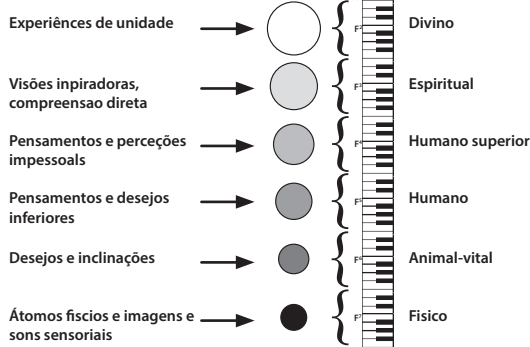
JĪVĀTMAN Ego Espiritual

BHŪTĀTMAN Ego Humano

PRĀNĀTMAN Ego Pessoal

Ego Animal

Corpo



Três modos de expressar os sete aspectos da consciência no que se refere à constituição do Homem. Em cima: a classificação conforme dada por H.P. Blavatsky em *A Chave para a Teosofia*⁽⁹⁾; no meio: o “diagrama oval” de G. de Purucker⁽¹⁰⁾; em baixo: o “modelo do piano”. Não se contradizem mutuamente: o diagrama oval refina a classificação de Blavatsky. O modelo do piano foi recentemente utilizado para ilustrar o ensinamento teosófico de que cada centro de consciência na nossa constituição transporta todas as faculdades em si mesmo, e é assim capaz de fazer contacto com cada um dos centros de consciência mais elevados ou inferiores (por “ressonância”).

recebeu em 1900, nove anos depois do falecimento de Blavatsky, uma carta de um Mestre.⁽¹¹⁾ W.Q. Judge também recebeu cartas de Mestres depois da morte de Blavatsky, o que por sinal, originou muitos problemas, porque nem toda a gente acreditou nele. Katherine Tingley e Gottfried de Purucker estiveram, por assim dizer, também em contacto com os Mahatmas, anos após o falecimento de Blavatsky. Seria ilógico se os Mestres virassem as costas à S.T. Mesmo um homem “mediano” não iria, a meio da sua missão, atirar a toalha ao chão. Iriam estes grandes e compassivos sábios agir dessa forma? Julgamos que não. É por isto que estamos convencidos que depois de Blavatsky, outros estu-

dantes avançados explicaram e desenvolveram a *Theo Sophia* com a ajuda dos Mestres.

Existe uma pedra-de-toque que sirva para avaliar os mensageiros? Com certeza que sim. Acima de tudo e antes de mais, eles devem ser exemplos vivos dos seus ensinamentos. Devem praticar o que apregoam. Além disso, reconhece-se a árvore pelos seus frutos. O mensageiro proporcionou mesmo uma maior percepção? Em que medida ele contribuiu para moldar a fraternidade em termos práticos? E finalmente: a doutrina que ele veicula, conflitua com a da Tradição Esotérica, de quem Blavatsky foi a última e grande representante, e não nos referimos às suas palavras (que são apenas ferramentas) mas ao conjunto inte-

grado de ensinamentos? Isso não significa que um novo mensageiro não possa explicar e desenvolver os seus ensinamentos. Claro que pode: o propósito da missão dele é fazer isso. Não deve apenas repetir as palavras de Blavatsky. Se compararmos o primeiro grande trabalho de Blavatsky *Ísis sem Véu* com *A Doutrina Secreta*, notaremos que o último livro não se contradiz com o primeiro, mas explica-o e complementa-o em vários pontos. Quando Gottfried de Purucker apresenta o seu famoso diagrama oval,⁽¹⁰⁾ ele certamente não contradiz a divisão setenária da consciência humana dada por Blavatsky.⁽⁹⁾ Mas, vai um passo adiante. Quando se apreende a ideia do diagrama oval, é-se capaz de melhor perceber o significado mais profundo de Blavatsky. Leia-se por exemplo a estância 7 do volume I de *A Doutrina Secreta* e o comentário de Blavatsky sobre esta estância, especialmente o primeiro verso com a frase do Livro Egípcio dos Mortos.⁽¹²⁾ Combine-se isto com o diagrama oval e compreender-se-á o que Blavatsky tentava comunicar.

Mesmo nós, editores da presente revista *Lúcifer*, inspirados

por uma citação de H.P. Blavatsky, desenvolvemos este diagrama oval de algum modo, ao desenhar em cada ego, uma oitava de um piano; uma modesta tentativa de tornar o ensinamento um pouco mais claro.

Em resumo, quando a Teosofia é-nos realmente provada, devemos aplicá-la. Porque, ao fazê-lo mostramos que realmente a entendemos. Digerimos os ensinamentos e novo alimento espiritual pode ser ingerido.⁽¹³⁾

Publicado na revista holandesa *Lucifer*, nº1, fevereiro de 2015 e na *Lucifer* inglês, nº1 de 2015.

Notas

1. G. de Purucker, 'How can you Prove Reincarnation'. *Wind of the Spirit*, Point Loma Publications, San Diego 1976, p. 245.
2. Ver: Herman C. Vermeulen, 'H.P. Blavatsky's message to the world', *Lúcifer*, nº1, março 2015, p. 2-4.
3. Platão, *Fédon*, 72e-77a.
4. Ver: H.P. Blavatsky, 'Why I do not return to India'. *Collected Writings*, The Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, Vol. 12, p. 157-158.
5. H.P. Blavatsky, 'What of Phenomena'. *Collected Writings*, Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, Vol. 9, p. 50.
6. H.P. Blavatsky sempre foi muito clara sobre este assunto. Ver por exemplo: *A Doutrina Secreta*, Vol I, p. viii [na versão original, p. 12 da edição em português], onde ela escreve que a Doutrina Secreta merece ser considerada, não porque invoque alguma autoridade dogmática, mas por se manter em íntima relação com os factos da Natureza e seguir as leis da uniformidade e da analogia; e: *A Doutrina Secreta*, Vol. I, p. 20 [p.86 da edição em português], onde afirma que quando o leitor as tiver compreendido claramente [às três proposições fundamentais], e percebido a luz que espargem sobre todos os problemas da vida, mais nenhuma identificação se tornará necessária; pois a verdade lhe saltará aos olhos, tão evidente como a luz do Sol.
7. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, Vol. 2, p. 797-798 [vol. IV da edição em português, p. 365-366].
8. Ver ref. 7, Vol. 1, p. xxxviii [p. 61 da ed. portuguesa].
9. See: H.P. Blavatsky, *A Chave para a Teosofia*, capítulo 6, secção 5.
10. G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, Point Loma Publications, San Diego 1990, p. 225.
11. <http://www.katinkahesselink.net/lastkh.htm>.
12. Ver ref. 7, Vol. 1, p. 213-222 [p. 250-258 da edição em português].
13. H.P. Blavatsky, 'Psychic and Noetic Action'. *Collected Writings*, The Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, Vol.12, p. 368-369.



Três níveis de recordação: instinto, *consciência** e intuição

Este artigo é o relatório de uma palestra no âmbito do simpósio da Fundação I.S.I.S., intitulada “Como a nossa consciência muda o nosso cérebro?”.

Ideias chave:

- » Tudo está ligado a tudo, por isso as nossas memórias estão em todos os lugares.
- » Nós armazenamos memórias em todos os níveis de nossa consciência, que formam o nosso instinto, consciência e intuição.
- » Nós fazemos contato com áreas do pensamento espiritual, por envaziar a nossa mente de pensamentos ilusórios, e por formar uma ideia de uma vida compassiva.

Uma vez ouvi uma menina perguntar à sua mãe se ela já alguma vez havia visto um carro branco. “Sim, já vi”, respondeu a mãe. “Eu também”, disse a menina, “mas foi há tanto tempo que já não me lembro”. Talvez esteja pensando: que curioso, como é possível se saber uma coisa da qual não nos recordamos?

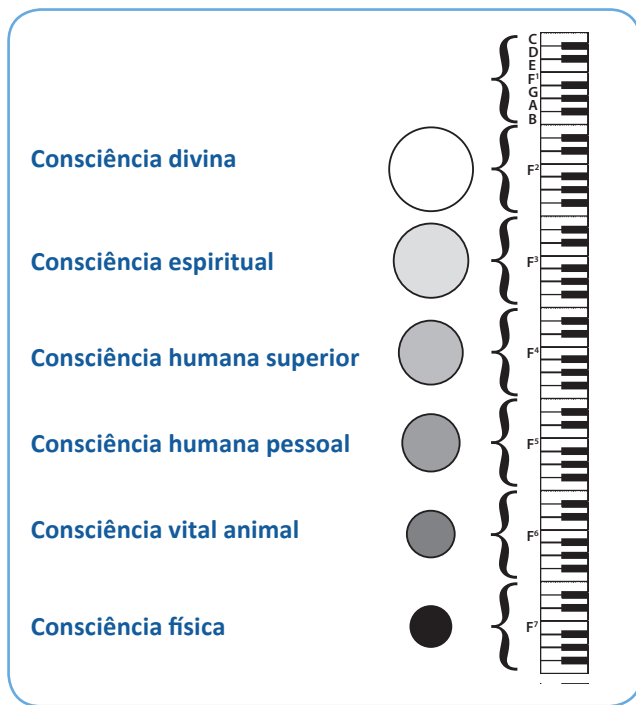
Porém, é possível! Existem casos de que não nos conseguimos recordar, mas em relação aos quais sabemos certamente alguma coisa. Bouke van den Noort contou-nos sobre um homem da Flandres que falou em Flamengo pela última vez quando tinha dois anos de idade, mas que se recordava deste idioma no seu leito da morte. Este caso foi relatado por um médico francês do século XIX.

Ele descreve uma história ainda mais notável: uma certa mulher à beira da morte costumava ser sonâmbula quando era uma menina. Era filha

de um notário. Uma vez roubou um importante documento do seu pai enquanto estava sonâmbula e escondeu-o algures no escritório. O seu pai sofreu muitas perdas devido a isto. No leito da morte, a mulher subitamente gritou: “Eu roubei-o!” e recordou-se onde havia estado o documento durante todo esse tempo. Enquanto dormia, retirou o documento e escondeu-o, mas na sua consciência quotidiana, a mulher não tinha noção alguma do que havia feito. À beira da morte, ela subitamente recordou-se.⁽¹⁾

A lucidez terminal é um daqueles mistérios da memória, que não pode ser explicada pela crença generalizada de que a memória está alojada no cérebro. Pelo contrário, só é possível clarificar estes casos notáveis se olharmos para os seres humanos como consciências compostas. Tentaremos elucidar.

* Em Inglês, há uma distinção importante entre ‘consciousness’ e ‘conscience’. ‘Consciousness’ é um termo geral. Significa ‘vida’. Porque tudo está vivo, tudo é consciência. ‘Conscience’, no entanto, é ‘a voz dentro de nós’, que nos adverte para não fazer alguma coisa. Ambas as palavras são traduzidas em Português como consciência. Quando o termo ‘conscience’ é utilizado, consciência surge em itálico.



Transmitindo e recebendo sinais que se imprimem na nossa consciência

A nossa consciência transmite sinais dos diferentes aspectos, ou “níveis”, ou “camadas” da sua natureza composta. Também recebe sinais. Está em sintonia com todos os tipos de seres conscientes e leva todos os outros seres conscientes a vibrar. O que, por exemplo, observamos com os nossos sentidos – como imagens ou sons – provoca uma impressão no nosso corpo físico. Estes sinais são reencaminhados para os outros níveis da nossa consciência, mas primeiro afetam o corpo físico. Até a comida que comemos tem um efeito. Podemos nos recordar de todas estas impressões. Por exemplo, lembro-me sempre do cheiro do metropolitano quando penso em Paris.

Um desejo ou uma tendência produz uma impressão na nossa natureza animal. Por vezes esta impressão é tão poderosa que só muito dificilmente nos livramos dela. É o caso de um vício, por exemplo. A idéia de um cigarro pode ser muito forte; pode ser difícil tirá-la da cabeça. Da mesma forma, pensamentos pessoais produzem uma impressão na consciência humana pessoal. Muitas vezes esquecemo-nos destas impressões inferiores.

As percepções e os pensamentos impessoais, que produzem uma impressão na nossa consciência humana superior são mais difíceis de experienciar porque não estamos frequentemente no estado de consciência superior. Por exemplo, quando compreendemos uma determinada lei matemática, essa percepção é impressa na nossa consciência.

As visões, a efetiva compreensão e a inspiração produzem impressões na nossa consciência espiritual. Por exemplo, se percebermos que matéria e consciência são em essência exatamente o mesmo, então este conceito fica gravado na nossa consciência espiritual. Na verdade já lá está – como se explicará mais adiante – mas a consciência humana *pessoal* consegue agora se sintonizar e observá-lo.

Finalmente existe a consciência divina que reverbera com as experiências de unidade. A maior parte das pessoas não teve estas experiências, mas se alguma vez tiver nunca mais a esquecerá.

O que é lembrar?

O que é, então, lembrar? Significa recordar-se de uma impressão que foi produzida na nossa consciência. Estamos a recuperar uma sensação, um pensamento ou uma visão para a consciência que percebe. Lembrar-se é trazer algo para o alcance da nossa percepção outra vez: as percepções físicas, emocionais, mentais ou impessoais.

Memória: a capacidade de recordar imagens na nossa consciência

À capacidade para lembrar chamamos de “memória”. Uma pessoa com uma boa memória pode lembrar-se das coisas facilmente.

Como todos sabemos, existem certas coisas das quais nos lembramos bem e outras que não. Existem crianças que podem facilmente distinguir dezenas de marcas de automóveis com base apenas nos faróis da frente, mas que não conseguem memorizar verbos irregulares do Francês. Isto está tudo relacionado com aquilo que nos interessa ou atrai. O nosso foco é aquele onde as impressões são produzidas mais profundamente. A nossa consciência está treinada para estar ativa nesse plano, para que possa se recordar mais facilmente de determinadas impressões feitas nesse mesmo plano. Indivíduos fortemente emocionais têm uma maior propensão para recordar um insulto ocorrido há anos, enquanto uma pessoa intelectual esquecer-lo-á numa semana. Podemos portanto receber, de forma autoconsciente, na nossa percepção, impressões particulares que estão numa das camadas da nossa consciência. Recuperamos a capacidade de raciocínio matemático, recordamo-nos de um nome, de um acontecimento ou da caracterização física de um determinado local.

Memória: o local onde as impressões são feitas

No uso corrente da linguagem também consideramos a

“memória” como o *local* onde determinada informação é guardada; a memória como o “arquivo da consciência”. A isto, o materialista associaria de imediato o cérebro. O cérebro é frequentemente comparado com um computador, porque no mundo digital as pessoas também falam sobre memória, que é então expressa em kilo, mega, giga e terabytes. Serão os nossos cérebros algum tipo de supercomputador?

Cérebros: repositórios de informação?

Como ouvimos ontem o cérebro é composto por dezenas de milhares de milhões de neurónios ou células nervosas. Todas estas células têm ligações com outras células. Estas ligações também se desconectam frequentemente. Isto tudo acontece num processo muito complexo e dinâmico, muito mais dinâmico e complicado do que o nosso computador pessoal. O modo como onde e quando esta informação poderia ser guardada neste sistema complexo e dinâmico que é o cérebro, é algo completamente desconhecido.

Em geral é assumido que a informação é transferida de um lado do cérebro para o outro lado. Neste contexto poder-se-ia falar de memória de curto e longo prazo. Dizem que tudo aquilo que experienciamos ou aprendemos será gravado primeiro na memória de curto prazo e depois na memória de longo prazo. Mas como pode a informação ser gravada nas células cerebrais que mudam constantemente, que constroem e quebram ligações constantemente – sinapses – entre si? Como podem estes neurónios conter as nossas memórias? Pensamos que esta teoria não é lógica e portanto que a memória não está localizada no nosso cérebro.

O cérebro é o *instrumento* dos pensamentos inferiores, portanto é o *instrumento* da nossa memória, especialmente nos seus aspetos inferiores. Nós, seres humanos, pensadores, lembramo-nos dos nossos pensamentos. Pelo facto de vivermos neste mundo material precisamos de um cérebro para moldar os nossos pensamentos inferiores e para traduzi-los para o domínio exterior. Mas, assumir que a memória reside no cérebro é acreditar que a música reside no rádio.

A memória está em todo o lado

Mas se a memória não reside no cérebro, onde poderia estar? A nossa resposta é: onde não poderia? A memória está em todo o lado.

Se lembrar significa ter a capacidade de trazer de volta impressões particulares à nossa percepção, então toda a natureza visível e invisível pode permitir lembrar-nos

dessas impressões. Provavelmente já experienciámos isto. Por exemplo, depois de muitos anos, regressamos a um local que visitámos de férias quando éramos jovens. Quando lá chegamos, recordar-nos-emos de forma precisa de todas as pessoas que vimos, do que elas fizeram e do que nós fizemos. Outro exemplo: ouvimos uma velha canção na rádio e lembramo-nos de certos pensamentos idealistas da nossa juventude. O local das nossas férias e a canção são na verdade, os lugares onde as nossas memórias permanecem escondidas. Mas, nunca conseguimos desconectar estas circunstâncias da nossa própria consciência. Existe algo na nossa consciência que se identifica com aquela canção e com aquele lugar em particular. Por causa deles lembramo-nos novamente de certos pensamentos e sentimentos.

Tudo está interligado

Isto pode ser clarificado pelo facto de existir uma Unidade essencial subjacente a toda a Natureza. Tudo está ligado. Não estamos separados de nada. As nossas experiências, não são portanto, nossa propriedade privada. Não estão armazenadas num arquivo privado do qual só nós temos a chave. Na verdade todos têm acesso a elas.

Isto dever-nos-ia fazer perceber a ampla responsabilidade que temos em relação à vida no nosso planeta. Por simplesmente termos um pensamento, deixamos uma marca na Natureza viva. Podemos reencontrar essa marca mais tarde – lembramo-nos – mas também é possível que outras pessoas a atraiam para o seu campo de percepção. E, por Natureza, não se entenda apenas a mera natureza visível, mas a totalidade da vida. Mais tarde isso será explicado.

Ākāśa

O espaço onde todas essas camadas de consciência permanecem e residiam não está vazio, mas cheio daquilo que em Sânscrito se chama Ākāśa: substância viva universal. O Ākāśa é esse espaço.

Portanto, o Ākāśa estende-se dos domínios muito divinos e espirituais aos domínios físicos. Quando o Ākāśa está próximo dos reinos mais densos também é chamado de plano astral ou de Luz Astral. Esta Luz Astral é um domínio que é de estrutura mais etérica que o nosso mundo físico, e é por isso que não é perceptível aos nossos sentidos. A Luz Astral registra infalivelmente o que acontece na Terra. Neste contexto, o termo “galeria de imagens” é por vezes usado. Todos os pensamentos, emoções e desejos são gravados aqui.

O Domínio Astral não está separado de nós. Somos parte dele. Na nossa natureza emocional e animal somos

parte do astral. Nadamos, por assim dizer, através deste domínio, pois somos parte dele como um peixe é parte do mar. Constantemente produzimos novas impressões nele. Frequentemente percebemos velhas impressões. Quando isto acontece dizemos que nos lembramos. Mas estas impressões não têm de ser feitas por nós. Podem ser feitas originalmente por outros seres, ou por nós em vidas anteriores. Certamente temos, embora de forma vaga, uma conexão a elas, porque de outro modo nós não as perceberíamos.

Ākāśa superior e ākāśa inferior

De modo similar somos uma parte integral do Ākāśa nos nossos aspetos superiores de consciência. Não notamos isto habitualmente, porque ainda não aprendemos como nos focar neste estado de consciência. Como já ouvimos o Ruud Melieste dizer, o estado superior de consciência é como um sono sem sonhos para nós. Temos ainda pouca afinidade com ele.

Como podemos apenas perceber com a nossa própria consciência, é o nosso carácter – aquilo que somos – que determina se nós percebemos as regiões inferiores no domínio astral ou o mais elevado do Ākāśa. É por isso que um ser apenas pode perceber impressões que se encaixem na sua própria consciência desenvolvida. Um animal não se pode lembrar de pensamentos humanos, porque não pode ainda pensar e consequentemente não teve experiências com eles. Da mesma forma, um ser humano não pode se lembrar de assuntos divinos, isto é: *ainda não*. Primeiro ele deve aprender como fazê-lo.

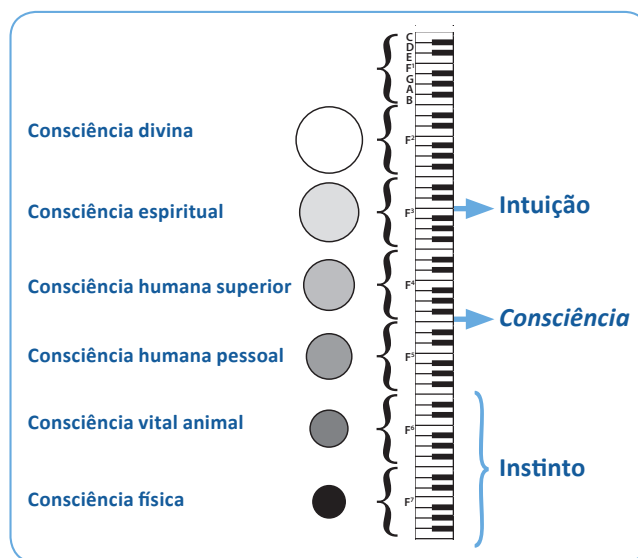
Ovo Áurico

Todas as partes da nossa consciência estão envolvidas num veículo correspondente. A consciência física envolve-se num corpo de matéria física, que é de facto a forma inferior do astral. A consciência animal e pessoal molda-se ao veículo astral correspondente, enquanto as formas superiores da nossa consciência revestem-se nas camadas mais etéreas do Ākāśa. Todos estes diferentes veículos formam no seu conjunto um agregado, algo a que chamamos de Ovo Áurico. Este Ovo Áurico é onde estão contidas todas estas diferentes formas de consciência.

Porque é que às vezes precisamos de muito esforço para nos lembrarmos de determinada coisa, enquanto outras vezes isso é feito sem esforço? Se a impressão é feita mais próxima do nosso próprio Ovo Áurico, podemos alcançá-la mais facilmente e recordaremos a impressão na nossa consciência mais rapidamente. Mas, algumas impressões

são apenas sinais vagos que captamos de outros seres. Estas impressões dificilmente são feitas dentro de nós. São muito difíceis de lembrar.

Devemos olhar para isto desta maneira: todas as experiências sobre as quais refletimos, que se encaixam no nosso conhecimento e experiências, e sobre as quais pensamos regularmente, tornam-se parte do nosso Ovo Áurico, a nossa própria natureza. Todas as outras experiências, já não. Deixarão contudo, também uma marca, mas será necessário muito mais esforço da nossa parte para seguir a marca e rastrear a origem.



Recordando em muitos níveis

De facto, a vida é uma recordação constante: recuperar impressões para o nosso campo de percepção. Aprender é recordar. Crescer é recordar. A nossa consciência pessoal aprende quando ativa as perspectivas e o conhecimento que flui das formas mais elevadas de consciência. Ativamo-las e *desenvolvemo-las* – desdobramo-las – o que significa: *lembramo-nos* delas. O crescimento vem de dentro. Mesmo fisicamente, uma planta ou uma flor cresce de dentro para fora. Um corpo humano cresce da mesma maneira. Isto aplica-se também à consciência. Todas as capacidades e faculdades estão no interior, mas têm de fluir para o exterior.

Instinto

Como foi referido, experienciamos impressões em todas as camadas da nossa consciência composta, sejam elas feitas por nós próprios ou por outros seres. À memória da nossa natureza veicular, à consciência física e animal chamamos de *instinto*.

Os biólogos descrevem o instinto como um padrão de comportamento gravado, que ocorre sem que este comportamento tenha sido aprendido ou experienciado antes. É suposto ter sido herdado geneticamente. O instinto é encontrado tanto em seres humanos como em animais. Pense-se, por exemplo, nos movimentos reflexos.

Também dizemos que o instinto é herdado, contudo, não dos nossos antepassados mas de nós próprios. As experiências ganhas neste nível animal em vidas passadas não se perdem quando morremos. Contudo, não levamos estas experiências para o Devachan conosco, porque como Bouke van den Noort vos disse, naquele estado de consciência apenas revivemos e processamos as nossas experiências *espirituais*. Quando a consciência se manifesta novamente e começa a construir um corpo físico, todos os agregados de qualidades ganhos no passado tornar-se-ão ativos novamente.

Isso pode explicar as capacidades miraculosas dos animais. Um belo exemplo é a borboleta monarca. Durante várias gerações essas borboletas migram do México para o Canadá. As borboletas que emergem no Canadá voltam de volta para o local do México onde os seus bisavós tinham nascido. Onde obtiveram o conhecimento para fazer essa enorme viagem? Para aquele local específico? Da sua consciência, onde as experiências de encarnações anteriores são preservadas.

A completa consciência física e instintiva do ser humano é de facto a memória das experiências ganhas e anteriormente processadas. Estas variam das atividades físicas específicas, como o batimento cardíaco e a respiração, às reações instintivas e aos estímulos sensoriais. Para nós, pensadores, estes são processos que acontecem automaticamente. Mas, somos incapazes de influenciá-los com os nossos pensamentos.

Podemos, quando pensamos de modo desarmonioso, até perturbar esses processos. Também podemos pôr essa nossa consciência animal em uso. Podemos treiná-la. Podemos disciplinar a nossa consciência instintiva de um modo tal, que nos seja possível, por exemplo, digitar com dez dedos. Podemos concentrar-nos totalmente nos pensamentos e palavras que queremos usar, enquanto os nossos dedos encontram automaticamente as teclas certas no teclado.

Pensamento pessoal

A consciência instintiva do ser humano tornou-se no que atualmente é durante incontáveis fases de desenvolvimento, ou pelo menos no que deveria ser: um veículo apto para a verdadeira consciência humana. Mas, a consciência

pensante passou ela própria por várias experiências, que estão nela armazenadas.

Contudo, as experiências do dia-a-dia não têm um caráter duradouro. São experiências pessoais, facilmente esquecidas. É por isso que a memória das experiências pessoais é realmente falível. Como a consciência pessoal normalmente dá crédito à realidade do mundo externo em contínua mudança, as suas impressões, são na maior parte das vezes de uma natureza transitória. Um ser humano não tem simplesmente capacidade para ver as suas experiências a partir de uma perspectiva correta.

Façamos a comparação com uma equipa de futebol que ganhou um jogo. Cada jogador recordar-se-á do jogo da sua própria perspectiva. O guarda-redes sabe que falhou na tentativa de evitar um golo e o avançado sabe que marcou. Contudo, o enquadramento mais abrangente está faltando. O treinador que estava junto à linha lateral tem uma visão mais geral. A sua memória parece ser mais exata. Neste exemplo, o treinador é a consciência humana superior e cada jogador representa a consciência pessoal.

Características das memórias pessoais

Muitas vezes as pessoas dizem que a memória é falível. Isto é verdade quando falamos de impressões pessoais. Também sucede que a consciência pessoal está muitas vezes cega em relação ao seu próprio comportamento. Recordemos o caso da rapariga sonâmbula: ela fez algo de que a consciência pessoal nunca se recordou. Apenas quando ela se tornou idosa e pouco antes de falecer, quando a sua consciência pessoal se uniu temporariamente à sua consciência humana superior, é que se recordou subitamente do que havia feito. Reparem, a consciência superior é muito mais capaz de perceber essas impressões e de compreender a sua verdadeira importância.

Quando o homem pessoal se lembra de algo, dá um colorido a essas memórias consoante a consciência que desenvolveu até esse momento. Imagine que passou umas férias maravilhosas com um amigo, e que esse amigo maltrata-o posteriormente. A sua memória das férias será agora colorida com as desagradáveis experiências posteriores.

As impressões do homem pessoal não sobreviverão à morte. Dissolver-se-ão quando a consciência se retirar. Em cada novo nascimento uma nova personalidade será construída. Isto acontecerá com base nas qualidades que foram desenvolvidas nas vidas anteriores. Porém, estas impressões pessoais particulares de vidas anteriores não podem ser encontradas na nova personalidade. Com cada nova vida um novo cérebro é formado. Este cérebro, tal

como o restante corpo físico, tem de praticar novamente, antes que possa funcionar de forma otimizada como um instrumento para pensar. Essa é a razão pela qual não se consegue rastrear as vidas passadas no cérebro nem na consciência pessoal.

Uma exceção a isto acontece quando uma pessoa morre na infância, pelo facto de não existirem experiências espirituais que pudessem ser processadas no Devachan. A personalidade de uma criança não se desintegrará e rapidamente encontrará uma nova oportunidade, com novos pais, para se manifestar. Essa é a razão por que em todo o mundo existem pessoas que morreram na sua infância na vida anterior e conseguem recordar-se dela.⁽²⁾

Consciência

Felizmente, o homem pessoal também tem pensamentos espirituais. Ele tem interesses e ideais impessoais. Ele pensa sobre como viver a sua vida de uma boa maneira. Estes pensamentos também provocam impressões, que ele retém de uma vida para outra, e que assim é capaz de recordar. Como nos lembramos deles? Quando estamos prestes a fazer alguma coisa que não devíamos. O nosso sentido ético alerta-nos nesse momento.

Estas memórias são chamadas de *consciência*. A nossa *consciência* compreende as experiências éticas e espirituais da nossa vida atual e das anteriores, das quais nos recordamos se pretendermos agir de um modo que estas experiências nos ensinaram a não fazê-lo. Portanto, a nossa *consciência* nunca nos aconselha de um modo afirmativo. Nunca nos diz o que fazer. Avisa-nos quando estamos prestes a fazer algo eticamente irresponsável.

A *consciência* é a qualidade mais nobre que o ser humano desenvolveu até ao presente. Tem vindo a ser formada pelas suas impressões mais sublimes. Reparem, não é o mais nobre que ele é, mas o que de mais nobre experienciou até ao momento.

Podemos conceber a *consciência* como a ponte entre as consciências humanas pessoal e superior.

A nossa *consciência* não é infalível, pois a nossa experiência espiritual é limitada. Por vezes deparamo-nos com uma questão ética em relação à qual nunca nos confrontamos anteriormente e sobre a qual nunca refletimos. Consequentemente a nossa *consciência* permanecerá em silêncio. Se fizermos a escolha certa, então teremos somado uma experiência espiritual, mas se fizermos a escolha errada e experienciarmos as conseqüências que daí advêm, também aprenderemos uma lição ética. É através de novas experiências espirituais que a nossa *consciência* irá crescer.

Escutando a *consciência*

Diz-se que as pessoas cruéis não têm *consciência*. Julgo que elas têm *consciência*; simplesmente não a ouvem. Tornar-se surdo em relação à voz da nossa *consciência* é um processo gradual. Quando temos que fazer uma escolha ética e não escutamos a nossa *consciência*, ouvi-la-emos num tom mais baixo quando estivermos numa situação semelhante novamente. Se fizermos isso consecutivamente, a voz da nossa *consciência* irá se desvanecer até parecer que não existe.

A educação desempenha um papel importante nisto. Os pais podem estimular ou reprimir a *consciência* da criança. Uma vez ouvi um rapazinho dizer à sua mãe: “Olha o que eu roubei”, sem que a mãe desse uma resposta negativa de qualquer género. Não foi propriamente um incentivo a aprender a ouvir a *consciência*. Também conheço um caso de uma mãe que deixou o seu filho devolver um brinquedo que havia roubado. Esse é um modo de estimular a *consciência* da criança. Quando alguém age contra a sua *consciência*, irá se arrepende na primeira vez. Mas, quando ignoram esse remorso, a voz da *consciência* vai se tornando mais fraca, ou melhor, a sua voz ouve-se cada vez menos. É isto que ouvimos em relação aos assassinos e criminosos; depois do seu primeiro crime a sua *consciência* entra em jogo. Eles não dormem, mas sofrem. Mas, depois da segunda, terceira ou quarta vez, torna-se um hábito. Eles não mais escutam a sua *consciência* a falar. É uma situação temporária, porque eles serão confrontados com as suas ações a certa altura.

A lição que se pode aprender daqui é a de escutar a *consciência*. Nós *somos* a nossa *consciência*. A nossa *consciência* é o portal para os aspetos superiores de nós próprios. Se não a escutarmos, fechamos o portal.

Intuição

Quando estes aspetos superiores da *consciência* aparecem espontaneamente, sem raciocínio intelectual, designamos isso por *intuição*. Intuição também é uma espécie de lembrança. Os tipos de *consciência* mais espirituais têm as suas próprias experiências e impressões ao seu nível, também. Essas marcas estão igualmente registradas na natureza akáshica. E nós, vivendo na *consciência* pessoal, também temos acesso a isso. Podemos contemplá-las. A intuição é a percepção imediata da verdade. É sabedoria espiritual e manifesta-se como uma visão direta e impessoal.

Podemos pensar: “Estas não podem ser as minhas marcas. O alcance da *consciência* está confinado ao pessoal. Posso na melhor das hipóteses atingir a minha *consciência* e já é

suficientemente difícil ouvi-la continuamente.” Recorde-se porém, que não há separatividade na natureza. Tudo está interligado. Também somos estas consciências superiores, se nos identificarmos com elas.

Aprender, dizia Platão, é recordar. Isto significa que podemos ativar as experiências espirituais a partir da corrente de consciência que somos. Tornamo-nos conscientes delas. Em “Fédon”, Platão descreve uma história mítica sobre como as almas humanas vivem no mundo dos Deuses antes de nascerem. Aí veem as verdadeiras Idéias. Mas, quando nascem, têm de beber água do Rio Lete, o rio do esquecimento e esquecem-se daquilo que viram. As almas que beberam bastante lembram-se de muito pouco e as almas que beberam pouco lembram-se de bastante. Mas, cada alma está familiarizada com essa realidade espiritual, e quando olhamos de perto para dentro de nós próprios e ouvimos com atenção, sabemos disto.

Podemos, autoconscientemente tentar despertar esta memória divina em nós próprios. É possível treinar a intuição. Podemos aprender a focarmo-nos no que é verdadeiramente humano, espiritual, mesmo na consciência divina em nós. Como? Buscando por este tipo de memória que Blavatsky chama de “reminiscência”; ativamente recordando estas imagens espirituais.⁽³⁾

Do pensamento cerebral ao pensamento universal

Como fazê-lo? Como nos conectamos com estas influências espirituais? Como nos sintonizamos com a “oitava do nosso piano”, a nossa consciência pessoal, de modo a nos identificarmos com a verdade e compaixão da nossa consciência superior em nós?

Primeiro, devemos nos esvaziar. Não devemos dar lugar a quaisquer pensamentos pessoais. Podemos nos perguntar quantos pensamentos reservamos todos os dias para assuntos que, à luz da espiritualidade, não têm importância alguma. Olhemos por exemplo para o que a televisão tem para oferecer e perceberemos como o nosso aspeto de pensamento inferior é estimulado por todo o tipo de informação e sensações desnecessárias. Quantas vezes nos preocupamos com a nossa prosperidade, sobre aquilo que pode correr mal, com possíveis doenças ou com a própria morte? Se nos esvaziarmos destas preocupações diárias, afinamos a nossa oitava num tom diferente e os pensamentos espirituais virão até nós naturalmente.

Não raras vezes atribuímos um nível de realidade ao mundo externo e ilusório, que o mesmo não merece. Podemos perceber contudo, que a nossa felicidade não depende de

ilusões. Entender que estávamos preocupados com nada de importante dá-nos um sentido de liberdade e espaço para percepções novas e mais abrangentes.

Há que reconhecer estas novas percepções e alimentá-las. Podemos fazer isto focando a nossa atenção. Meditando nas idéias universais. Criando uma imagem de pessoas compassivas, de um mundo onde as pessoas trabalham em conjunto e se ajudam mutuamente na prática. Pensemos de modo amplo e impessoal. Vivamos o ideal mais elevado que possamos imaginar.

A tónica espiritual irá alterar inclusive os nossos pensamentos quotidianos. Claro que ainda teremos que ir pôr o lixo e ir às compras para satisfazer as nossas necessidades diárias, mas mesmo os pensamentos necessários para estas atividades simples serão iluminados se pensarmos nelas com um Ideal mais alargado de compaixão. Assim enobrecemos o eu pessoal e também o eu animal e o eu físico. No fim de contas, o nosso cérebro será igualmente iluminado.

Não devemos apenas pensar com o nosso cérebro. Devemos pensar a partir do ponto de vista maior, universal. Somos uma corrente de consciência. Os nossos aspetos superiores residem nos planos espirituais. Tenhamos isso presente. Imaginemos um mundo justo e equitativo, onde a ajuda e cooperação mútuas não são a exceção, mas a norma. Imaginemo-lo de forma tão nítida e clara, de modo a recordarmos esta imagem no nosso dia-a-dia, em cada ação que empreendemos e em cada pensamento que temos. É esta memória que a humanidade em sofrimento necessita acima de tudo.

Publicado na revista holandesa *Lucifer*, nº4/5, setembro de 2014 e na *Lucifer* inglês, nº3, 2014.

Notas

1. H.P. Blavatsky, “Memory in the dying”. *Collected Writings*. The Theosophical Publishing House, Wheaton 1990, Vol. 11, p. 446.
2. I. Stevenson, *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*. Vol I and II. Praeger Publishers, Highlands Ranch (US) 1997. E: H. van der Pol, “Wetenschappelijk onderzoek vindt bewijzen voor reïncarnatie” (“Scientific researchers find evidences for reincarnation”). Artigo retirado de *Lucifer*, Vol. 27, Outubro 2005, nº5, p. 87.
3. H.P. Blavatsky, *The Key to Theosophy*. [“A Chave para a Teosofia”] Theosophical University Press, Pasadena 1985, Capítulo 8.



Ideias chave:

- » As idades têm tudo a ver com os ciclos cósmicos.
- » Um ciclo pode ser dividido em quatro idades, que estão relacionadas entre si através de 4 : 3 : 2 : 1.
- » Cada uma destas idades tem uma fase inicial e uma fase final.
- » O Satya-Yuga é a idade espiritual e de paz. É a fase infantil. As pessoas não têm ainda muita responsabilidade.
- » O Kali-Yuga começou em 3102 A.C. durante uma circunstância cósmica especial.
- » No Kali-Yuga a ética está sob pressão; tudo é intenso e acontece rapidamente; há uma forte influência da Luz Astral; há grandes oportunidades para crescimento e declínio espiritual.
- » Durante o Kali-Yuga o novo grande ciclo (Raça-raíz) desponta.
- » Cada novo ciclo começa com um pequeno número de pessoas com uma mentalidade diferente.

Kali-Yuga: uma idade de crescimento ou de decadência espiritual?

Vivemos tempos de inquietude. De acordo com algumas pessoas os tempos são tão negros e sinistros, que estamos caminhando rapidamente para a nossa perdição. “Vivemos no fim dos tempos”, dizem as pessoas. Diz-se que isto está relacionado com o Kali-Yuga, a Idade do Ferro. É na verdade o Kali-Yuga uma idade tão negra? Esta é uma investigação aos antigos textos hindus e à nossa era moderna.

Tal como todos os outros povos da Antiguidade, os Hindus tinham uma visão cíclica do tempo. Não há um início absoluto, o momento em que o tempo começou. Em sentido absoluto, o universo não começou com um *big bang*, depois do qual a vida e o tempo vieram à existência. Da mesma forma uma vida individual não começa com a concepção.

Os antigos textos hindus retratam o conceito de ilimitado. A bem conhecida afirmação dos Upanixades “*TAT twam asi*” — tu és AQUILO, ou: tu és o Ilimitado, expressam isto de modo conciso.

Portanto, nada é criado no sentido literal da palavra; nada foi feito a partir do nada. Tudo esteve sempre lá. E tudo — o cosmos, o homem ou o átomo — aparece ciclicamente. Mal a consciência adormecida desperta novamente, o tempo começa. O SER eterno, a nossa essência mais profunda, não conhece o tempo, apenas a Duração ilimitada.

O que são idades?

No que se refere ao tempo, a primeira coisa que podemos notar é que está relacionado com a perceção de movimentos de objetos ou corpos. Tomamos o ciclo astronómico como a unidade do tempo, por exemplo, a rotação do nosso planeta à volta do seu eixo. Isto dá-nos o ritmo do dia e da noite. Dividimos este período em 24 unidades, a que chamamos horas. Além disso, a Terra orbita à volta do Sol em 365,25 dias, ou seja revolve 365,25 vezes à volta do seu eixo, enquanto completa a sua órbita à volta do Sol.

Portanto, são sempre fenómenos externos, como a rotação da Terra à volta do Sol e da Lua à volta da Terra em órbitas cíclicas, que interpretamos e explicamos através de determinadas unidades de tempo.

Contudo, quando não estamos neste mundo dos fenómenos, por exemplo, quando estamos a dormir, a sonhar, ou mortos, desconhecemos de todo o

tempo. Não existem relógios nos nossos sonhos. Quando acordamos depois de um sonho, muitas vezes não sabemos se dormimos por uma ou duas horas ou apenas por alguns minutos. A forma como valorizamos o tempo depende do nosso estado de espírito. Não parece que as duas horas no cinema passaram muito mais rapidamente do que meia hora na cadeira do dentista? Em resumo, o tempo está sempre relacionado com a manifestação — com as coisas, com os fenómenos, com a interpretação, com a apreciação, e portanto é uma ilusão.

Em Sânscrito isto é chamado de *Māyā*, o que significa “medida”. Tudo o que pode ser medido é uma ilusão. Isso significa: é de uma natureza transitória e não tem sustentabilidade por si só. É a consequência de algo que se esconde por trás dessa aparência. Portanto, uma idade é o período em que *algo* é manifestado.

Por exemplo, um homem nasce. A sua “idade” começa. Depois de cerca de 70 anos ele morre. Então, num certo sentido, também o tempo para, pelo menos para ele, dado que não há manifestação. Só quando este homem nasce outra vez e reaparece neste mundo ilusório, existe de novo uma noção de tempo.

Devemos entender as grandes idades da mesma forma. Elas são os ciclos de vida de um ser ou de um grupo de seres.

Yugas

Como já foi explicado, no ilimitado só existem pontos de início e de fim relativos. No Oriente, estes são descritos como a inspiração e expiração da divindade Brahmā. Quando Brahmā expira, existe um início relativo: a manifestação começa. Quando Brahmā inspira há um fim relativo: a manifestação cessa de existir. Contudo, depois de um período de repouso, Brahmā expira novamente e uma vez mais o Cosmos vem à existência.

Portanto, existe um processo cíclico contínuo de expiração e inspiração. Temos de ver a noção de Yuga dessa perspectiva. Yuga é uma palavra sânscrita, que literalmente significa “ciclo”. Um ciclo não é tanto um círculo, mas uma espiral. Como numa escada em espiral, sobe-se em círculos.

Existe outra palavra sânscrita que expressa a mesma ideia: *Kala-Chakra*, a roda do tempo. O tempo gira como uma roda. As idades vão e vêm e voltam de novo. E sempre retornam num nível ligeiramente superior.

Ora, esta roda gira numa determinada proporção, que é 4, 3, 2, 1 ou repouso, e depois 4, 3, 2, 1 outra vez e assim por diante. De acordo com a literatura Sânscrita estas proporções numéricas existem em todo o lado na natureza.

Aplicam-se da mesma forma à vida num planeta, a um sol, bem como à vida da Terra, ou a uma fase da vida na Terra. Sempre encontramos esta mesma relação do 4, 3, 2 e 1. Portanto, um ciclo consiste de quatro idades.

Os quatro Yugas

O famigerado Kali-Yuga é uma destas quatro idades. É parte de um grande ciclo de mais de 4 milhões de anos, chamado pelos Hindus de Mahâ-Yuga, ou Grande Yuga. Mil Mahâ-Yugas constituem um ciclo de vida de um planeta. Nesse Mahâ-Yuga estas quatro idades são assim designadas:

Satya-Yuga	4
Tretâ-Yuga	3
Dwâpara-Yuga	2
Kali-Yuga	1

Os números que colocámos à frente de cada idade indicam as proporções entre estes quatro Yugas. Portanto, o Satya-Yuga – literalmente a idade da verdade – é quatro vezes mais longa que a idade mais curta, o Kali-Yuga.

De facto, não interessa a que ciclos se aplicam estes rácios. Eles são universais, e portanto, aplicáveis à vida de um sistema solar – a vida de Brahmā – como à de um planeta, de um povo e até de homem. A única coisa que precisamos de fazer é pegar nos números 4, 3, 2, 1 como ponto de partida e por exemplo colocar um, dois, três ou dez zeros à frente. Quando diz respeito a eras de pequena duração devemos colocar um ou mais zeros antes de um ponto. Contudo, estes números também indicam as características destes Yugas, ou seja, estão associados com o *Dharma*. *Dharma* significa Lei ou Dever no sentido da lei natural divina. Portanto, também podemos entender o Dharma como a religião, filosofia, ciência e ética verdadeiras. É a expressão da perfeita harmonia e unidade. Quando o Dharma é praticado, temos uma sociedade baseada na ética, dignidade humana, compaixão e respeito. As pessoas vivem de acordo com as regras éticas universais.

Nas metáforas típicas dos Hindus diz-se que o boi do Dharma – o símbolo da vivência de acordo com o Dharma – está apoiado nas quatro patas no Satya-Yuga, em três no Tretâ-Yuga, em duas do Dwâpara-Yuga e apenas numa no Kali-Yuga. Desta forma, a decadência, a degeneração da ética é salientada.⁽¹⁾

Podemos encontrar uma ideia similar na Grécia antiga. Aí, as quatro idades eram chamadas de Idades do Ouro, da Prata, do Bronze e do Ferro. O nível interno da civilização decresce continuamente. Os Babilónios devem ter

conhecido também estas idades, avaliando pelo sonho de Nabucodonosor mencionado na Bíblia (*Daniel 2:32-33*). Ele sonha com uma estátua gigante com uma cabeça dourada, peito de prata, ventre de cobre e pernas de ferro. É uma representação simbólica da evolução da humanidade, que se estende por mais de quatro idades.

Quanto tempo duram estas idades?

Como já foi explicado, em princípio podemos aplicar estes quatro Yugas a cada ciclo de vida, pequeno ou grande. Contudo, na maior parte dos casos, eles são aplicados ao que se designa por Mahā-Yuga.

A duração destas quatro idades é fornecida em antigos textos Hindus como o *Vishnu Purāna*. Aí, os números elementares 4, 3, 2 e 1 surgem novamente. Contudo, cada uma das quatro idades tem uma fase inicial e outra terminal. Por outras palavras, existe uma alvorada e um crepúsculo. Em Sânscrito, isso é designado, respetivamente, por Sandhyā e Sandhyānsa. A duração, quer da Sandhyā quer da Sandhyānsa é de um décimo do respetivo Yuga. Isso é explicitado na imagem abaixo:

Yugas em anos divinos

Satya-Yuga	4000	
Sandhyā	400	
Sandhyānsa	400 +	4800
Tretā-Yuga	3000	
Sandhyā	300	
Sandhyānsa	300 +	3600
Dwāpara-Yuga	2000	
Sandhyā	200	
Sandhyānsa	200 +	2400
Kali-Yuga	1000	
Sandhyā	100	
Sandhyānsa	100 +	1200
Total		<hr/> 12,000

Caso queiramos saber quanto isto representa em anos terrestres, há que multiplicar estes números por 360. Este número está relacionado com a rotação de outros planetas à volta do Sol. Afinal de contas, os ciclos na Terra estão relacionados com os movimentos de outros corpos celestes. Existe uma relação próxima entre o Sol e

os planetas. Eles influenciam-se mutuamente. Conforme mostra a tabela, existe uma regularidade matemática nestes ciclos orbitais. Há uma correspondência entre as suas frequências. Note-se que a tabela tem os números arredondados. Ao longo de muitos séculos de existência, os planetas podem mudar ligeiramente a sua velocidade de rotação. Isto tem a ver com o livre arbítrio, que todo o ser vivo tem.

Periodos orbitais dos planetas

Júpiter:	12 anos terrestres
Mercúrio:	48 vezes em um ano de Júpiter
Vênus:	20 vezes em um ano de Júpiter
Marte:	6 vezes em um ano de Júpiter
Saturno:	2/5 vezes (30 anos terrestres)

A rotação de Júpiter e de Saturno tem a duração mais longa. Quando se multiplica os seus períodos orbitais (12x30), obtemos o número 360. Um ciclo completo leva 360 anos terrestres. Assim, para os planetas visíveis a partir da Terra, todas as combinações possíveis estão identificadas.

É por esta razão que o número 360 era muito importante para os Hindus e também para os Babilónios, os Maias e muitos outros povos. Portanto, caso queiramos saber a duração dos Yugas em anos terrestres, temos que multiplicar os anos divinos por 360. (ver quadro)

Yugas em anos solares

Satya-Yuga:	4800 x 360 =	1,728,000
Tretā-Yuga:	3600 x 360 =	1,296,000
Dwāpara-Yuga:	2400 x 360 =	864,000
Kali-Yuga:	1200 x 360 =	432,000 +
Total		4,320,000

Satya-Yuga

Podemos observar vários aspetos na tabela acima. Primeiro, que para o homem as durações das idades são quase infinitamente longas. Estamos habituados a pensar em anos ou séculos no máximo. Uma idade com uma duração de mais de quatro milhões de anos está para além do nosso referencial.

Em segundo lugar, podemos observar que as idades mais virtuosas, nas quais o Dharma está mais implantado na sociedade, duram mais que as idades menos virtuosas.

O Kali-Yuga dura não mais que um décimo da era completa e é quatro vezes mais curto que a Idade de Ouro, o Satya-Yuga.

Os antigos Gregos e Romanos referiam-se a esta idade como o século de Saturno. Esse era o século da inocência. É o período de tempo no qual o homem não tem nenhuma ou quase nenhuma responsabilidade e não é portanto sobrecarregado com preocupações. É a fase infantil. As crianças também vivem num mundo paradisíaco. Ainda não têm grandes responsabilidades. A criança pouco desenvolveu os aspetos da sua consciência.

Portanto, ainda não tem ainda todas as faculdades e é muito menos responsável do que um adulto com as capacidades normais.

No *Mahābhārata* é dito que nesta idade não existem ricos nem pobres. Não havia necessidade de trabalhar, porque tudo aquilo que era preciso obtinha-se pela força de vontade. Não havia doenças, não se perdia capacidades com o envelhecer. Não havia ódio nem vaidade.

O Satya-Yuga era uma idade de abundância na qual a vida decorria calmamente. Não existiam grandes problemas, era um ambiente calmo, mas bastante estático. Provavelmente é atrativo para as pessoas das sociedades contemporâneas, pois temos um forte desejo pela serenidade. Contudo, a questão aqui é se realmente desejaríamos viver uma vida

sem desafios. Alguém suspira pelo tempo em que era bebé? A vida no Satya-Yuga era calma e pacífica. A duração da vida estava em linha com isto, dado que os textos antigos referem que esta duração de vida também está relacionada com os mesmos números: 4: 3: 2: 1. No Satya-Yuga as pessoas viviam durante 400 anos, no Tretā-Yuga por 300 anos, no Dwâpara-Yuga por 200 anos e finalmente no Kali-Yuga por 100 anos. Para nós, estes números parecem improváveis, embora em antigos mitos, como por exemplo, no *Antigo Testamento*, as pessoas supostamente tinham ainda mais idade. Não é referido que Matusalém viveu 969 anos?

É claro que isto são médias, contudo, no que se refere a indivíduos, a duração de vida no Kali-Yuga é quatro vezes mais pequena que o Satya-Yuga.

Kali-Yuga: a Idade Negra

O descanso bem-aventurado do Satya-Yuga é gradualmente substituído por mais inquietação. Não vamos discutir aqui as outras duas fases. Elas têm uma posição intermédia entre a paz da Idade de Ouro e a inquietude da Idade do Ferro. Podemos vê-las como uma versão proporcionalmente mais calma do Kali-Yuga. Esta última tem uma má reputação. A guerra e a violência e todos os sofrimentos com ela relacionados, são muitas vezes atribuídos a esta Idade Negra.



Nandi, o boi do Dharma, é usado como uma metáfora para a decadência ética nas quatro idades. Por exemplo, no “Mahābhārata” é referido: “...no Satya-Yuga, a ética é como um boi entre os homens que se apoia nas quatro patas. No Treta-Yuga, o pecado levou uma dessas patas, a ética

ficou apenas com três patas. No Dwâpara-Yuga existe tanto pecado como ética, e portanto diz-se que a ética só tem duas patas. Na idade negra de Kali (...) a ética existe entre as pessoas com três partes de pecado. Portanto, diz-se que a ética aguarda entre as pessoas, com apenas com a quarta parte que lhe resta. Saiba, Ó Yudhishthira, o período de vida, a energia, o intelecto e o poder físico do homem diminuem em cada Yuga.”⁽¹⁾

De acordo com o *Surya Siddhanta* – um livro astrológico com uma idade incomensurável – o Kali Yuga começou à meia-noite do dia 23 de janeiro de 3102 A.C. Portanto, o Kali Yuga começou há 5116 anos [NT: o artigo foi escrito em 2014]. No início do período havia uma peculiar disposição planetária; quase todos os planetas estavam alinhados. Começou com a morte de Krishna, que é a descrita no grande épico “Mahābhārata”. O fulcro deste épico notável é uma guerra entre dois lados de uma família. Parece que este conflito dá uma indicação clara das características do Kali-Yuga: guerra, infidelidade e violência, em suma, tudo aquilo que podemos ler também nos jornais dos dias de hoje.

Em muitas obras em Sânscrito, o Kali Yuga é descrito como uma época na qual o Dharma define. É um tempo de ignorância. As pessoas não mantêm as suas promessas e acordos. Não entendem que a ganância é algo errado, e alguns não se apercebem de que a hostilidade ou mesmo o homicídio não são toleráveis.

Nos livros Hindus, como o “Vishnu Purāna”, esta idade negra é descrita da seguinte maneira: os bárbaros serão os donos na fronteira do rio Indo. Os reis estarão viciados no poder e estarão em guerra uns com os outros continuamente. O mais forte será aquele que governará. Haverá violência, malícia e perversidade. O bem-estar diminuirá. A riqueza será a única forma de devoção. A palavra dos ricos prevalecerá. Os pobres não têm escolha. O único compromisso entre sexos vem da paixão. A erudição é ridicularizada. Não haverá compaixão. Haverá todo o tipo de vício, que advém do facto das pessoas verem o seu trabalho como esgotante e insatisfatório. A divisão natural entre as quatro castas cairá. Os instrutores sábios (Brahmans) não serão reconhecidos. Os guerreiros (Kshatriyas) não mais serão corajosos. Os comerciantes (Vaiśyas) já não serão honestos e os servos (Śudras) já não serão humildes.⁽²⁾

A Luz Astral

Contudo, a questão levanta-se sobre se estas características que na verdade caracterizam a nossa presente era, são *causadas* pelo Kali-Yuga?

William Quan Judge disse que as pessoas são bastante afetadas pela Luz Astral no Kali-Yuga.⁽³⁾ Uma das características da Luz Astral é a de que todas as ações e pensamentos são aí gravados. É como se fosse uma galeria de imagens. As pessoas são influenciadas pela Luz Astral. Claro que a influência não ocorre indiscriminadamente, mas apenas se nos identificarmos com uma certa camada desta esfera astral. Portanto, uma pessoa focada no material, que es-

teja sobrecarregada com fortes desejos egoístas, irá obter imagens e impulsos correspondentes da Luz Astral. Portanto, durante o Kali-Yuga as pessoas recebem impulsos de determinadas camadas da Luz Astral completamente distintas de quando se está nos outros Yugas.

Todos os desejos materiais, toda a adoração do corpo e da matéria, derivam de impressões que os nossos antepassados imprimiram na Luz Astral durante o Kali-Yuga do último Mahā-Yuga (de que falaremos adiante). Para clarificar: nós próprios somos esses antepassados! No presente Kali-Yuga essas impressões ainda pesarão em nós.

Somos confrontados com todas as nossas inclinações materiais do passado. Portanto, estamos confrontados com causas que nós próprios criamos. Colhemos aquilo que semeamos.

Colhemos agora as causas do último Kali-Yuga. Isto também explica, por exemplo como novos desenvolvimentos, como a tecnologia de informação, são aceites e usados tão rapidamente. Apanhamos o fio do último Kali-Yuga.

Kali-Yuga: a idade intensa

Kali-Yuga é a idade mais rápida. As consequências sucedem-se quase imediatamente às causas, pelo menos em comparação com os outros Yugas. Isto conduz a pressão e tensão. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo. Uma nova moda ou tendência, uma revolução política ou uma invenção tecnológica mal apareceram e já algo novo acaba por surgir.

Não parece isto o nosso mundo de hoje? Os países mudam de governantes como as pessoas mudam de roupa. Em todo o lado acontecem revoluções. Novas modas e invenções sucedem-se numa velocidade incompreensível. Em poucos minutos ouvimos e vemos o que está a acontecer noutra parte do mundo. Os *media* informam-nos sobre o que está a acontecer noutras partes do mundo durante todo o dia. Os desenvolvimentos vão rebolando tal como fazem os cães sobre si próprios quando são pequeninos. O Kali-Yuga é uma idade de rapidez. E, embora possa parecer contraditório, é nesta era em que o maior crescimento espiritual pode ser conseguido.

Nos Yugas mais calmos existiam *chelas* – estudantes dos Mestres de Sabedoria – que ansiavam pelo Kali-Yuga por essa razão. Um mais rápido crescimento é aí possível, pois os resultados das nossas tentativas são obtidos mais rapidamente. Cada ato e pensamento resulta em consequências quatro vezes mais rápidas comparativamente ao Satya-Yuga. Isto aplica-se a ações motivadas por desejos egoístas, mas também atos motivados pela compaixão.

Portanto, podemos atingir uma compreensão da elevação espiritual, a maestria, mais rapidamente. Podemos contribuir mais para os nossos semelhantes.

O Kali-Yuga é o grande paradoxo. É a idade mais negra e ao mesmo tempo é a idade na qual podemos atingir a sabedoria e o discernimento espiritual mais rapidamente.

O homem faz os tempos; os tempos não fazem o homem

Portanto, com base nos conhecimentos da *Theo Sophia*, não gostaríamos de afirmar que o Kali-Yuga é uma idade maligna. Uma idade é em si própria neutra. Será um dia de inverno pior que um de outono? Será um dia de 2014 pior que um de 1914? As idades são neutras. As pessoas é que dão o colorido às eras. O homem faz os tempos; os tempos não fazem o homem.

Evidentemente, cada idade oferece as suas próprias possibilidades. Durante o inverno fazemos coisas diferentes de quando é verão. Contudo, o recurso a essas possibilidades está dependente do próprio ser humano. Nós próprios é que fazemos a idade. Não há nenhum fado que nos traga a guerra, a violência ou o crescimento espiritual. É o homem que se encarrega disso. Cada um de nós faz as suas escolhas individualmente e decide se usará as oportunidades de uma idade para maior crescimento espiritual ou para egoísmo e para cultivar um sentimento de separatividade. Deste modo moldamos coletivamente a sociedade. O tempo não o faz, fazemo-lo nós próprios.

Ora, o Kali-Yuga força-nos a fazer mais escolhas que qualquer outra era. Quando há pressão e tudo é tão intenso, somos forçados a mostrar quem realmente somos.

Compare-se a uma situação de guerra. Nos tempos de paz e de felicidade não há necessidade de mostrar quem somos. Contudo, quando há tensão e perigo, somos forçados a fazer escolhas. Por exemplo, escolhemos nos salvar à custa dos demais, ou sacrificamo-nos e ajudamos os nossos irmãos, ignorando perigos mortais? Este género de situações de pressão forçam-nos a assumir uma posição. Se escolhermos a unidade e o TODO, crescemos.

Durante o Kali-Yuga, o sofrimento pode ser enorme. Há adversidade, há provação. Contudo, a adversidade pode ser um incentivo para o desenvolvimento espiritual. Através da luta, através da dor, somos capazes de praticar a paciência, a perseverança, o nosso sentido de proporcionalidade, de compaixão. Também podemos mostrar que princípios formam a verdadeira base para os nossos atos.

Muitas vezes o homem eleva-se a grandes alturas em circunstâncias estranhas, em tempos de caos, guerra, tirania

ou pobreza extrema. Não é verdade que estas desgraças sejam necessárias para o crescimento da consciência, mas parece que exatamente durante estes tempos negros, as pessoas têm uma noção mais profunda do significado da vida e exprimem isto realizando grandes obras.

Tudo se torna mais líquido sob pressão. Portanto, o Kali Yuga pode funcionar como um catalisador, pelo qual os elementos inferiores e superiores quer do homem individual e da humanidade se separam. Em tempos difíceis temos a oportunidade para apelar aos aspetos mais nobres da nossa consciência e mostrar aquilo que somos intrinsecamente: um ser divino.

Kali-Yuga como um ano de finalistas

É por essa razão que uma separação entre as pessoas tem lugar no Kali-Yuga.

Um grupo de pessoas com uma nova mentalidade emerge, enquanto outro grupo fica preso no passado. Este último grupo está ligado ao estatuto que tem e não está preparado para percorrer a linha ascendente. É uma mentalidade conservadora.

A nova mentalidade demonstra mais universalidade. Estas pessoas estão dispostas a pisar novos trilhos e desenvolvem novos poderes para fazê-lo.

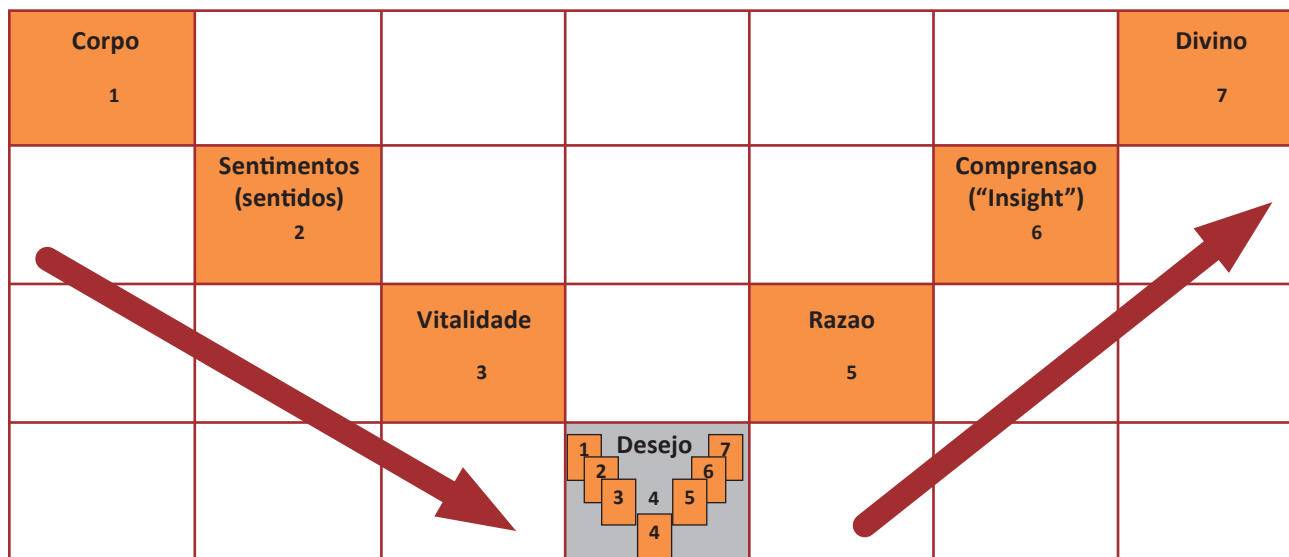
Podemos comparar esta situação à de uma turma no seu último ano. Agora é a altura. Os alunos estudaram durante alguns anos, mas agora têm de prestar provas. A quantidade de trabalho de casa aumenta. Os testes, que não eram tão levados a sério nos primeiros anos e não pareciam muito importantes, são agora essenciais. Eles sobrecarregam o estado mental criando tensão. Alguns candidatos não conseguem lidar com essa tensão e voltam ao nível anterior. Devido à velocidade e pressão, um rápido declínio pode suceder. Espera-se que aproveitem melhor futuras oportunidades, que logo surgirão. Outras pessoas lidam melhor com a pressão e passam no exame. Então, novos desafios aguardam-nas, num nível superior. O Kali-Yuga é como o ano de finalistas. Os candidatos têm que se preparar gradualmente nos três Yugas anteriores, mas é esta idade que lhes dá a oportunidade de terminarem com sucesso os seus testes, para que possam avançar para a fase seguinte nas suas vidas.

Portanto, no Kali-Yuga o novo grande Mahā-Yuga da nova Raça-raíz começa. Contudo, uma nova raça não é exatamente a mesma coisa que o Mahā-Yuga.

Períodos Globais e Raças-raiz

De acordo com a *Theo Sophia*, a evolução da humanidade

SETE PERIODOS GLOBAIS



tem lugar em sete grandes movimentos cíclicos, chamados de Períodos Globais. Em cada Período Global as pessoas têm a possibilidade de desenvolver um dos sete princípios de consciência (ver esquema dos “Sete Períodos Globais”). Por sua vez, cada um dos aspectos da consciência é também setenário. O pequeno imita o grande. Portanto, podemos por exemplo dividir novamente o aspecto do desejo em sete sub-aspectos. Também podemos subdividir cada Período Global em sete sub-períodos, que são chamados de Raças-raíz no jargão teosófico (neste diagrama mostramos as sete Raças-raíz no quarto Período Global).

Presentemente, a maior parte da humanidade está no quarto Período Global e na quinta Raça-raíz. No quarto Período Global, o desejo (Kāma) está em desenvolvimento e, dado que estamos na quinta Raça-raíz, o aspecto intelectual do desejo em particular é desenrolado. Se olharmos para a mentalidade geral de hoje, também reconheceremos muito facilmente esta característica. Não vivemos num tempo no qual muitas pessoas tentam satisfazer os seus desejos através do intelecto? Não é este enorme desenvolvimento de tecnologia atribuível a isto?

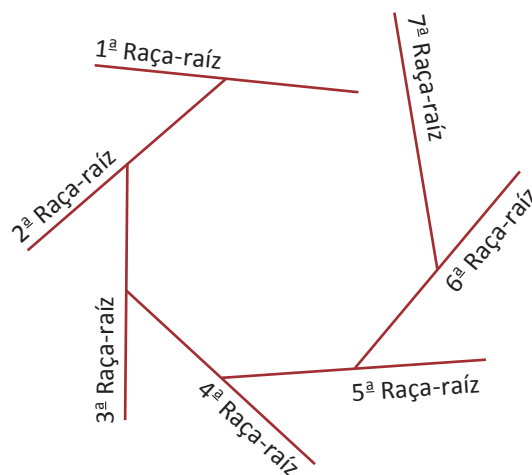
A meio de cada Raça-raíz – quando a Raça raiz está no seu Kali-Yuga – a raça seguinte vem à existência: veja-se a figura abaixo.

Contudo, essa nova raça não aparece de um momento para o outro. Muda a noite imediatamente para o dia, ou há um crepúsculo? Da mesma forma, a nova raça vem gradualmente à existência. À medida que os milénios passam, vai gradualmente aumentar a sua influência e tornar-se-á o fator dominante no planeta.

A transição de uma Raça-raíz para outra

Vamos ilustrar isto com a transição da quarta para a quinta – a atual Raça-raíz.

A quinta Raça-raíz surgiu no ápice da quarta Raça-raíz, a que – usando uma designação moderna – se chama de Atlante e viveu na Atlântida, que foi mencionada por Platão em dois dos seus diálogos. Naquele tempo, e muito mais do que hoje, fizemos do aspecto do desejo o poder dominante nas nossas vidas. Era a época em que a humanidade estava mais afundada na matéria e dependia do poder do desejo de modo mais acentuado do que hoje. O desejo é a ponte entre os aspectos espirituais e os mais materiais. Sempre que se está na quarta fase – quer seja o ciclo grande ou pequeno – existe um ponto de viragem. O poder do desejo, primeiro dirigido à matéria, inclina-se para os aspectos espirituais. Isto significa que durante a



fase da Atlântida algumas pessoas começaram a ter outra mentalidade diferente da habitual. Sem dúvida que eram consideradas esquisitas a princípio. Eram pessoas estranhas, que se afastavam do padrão geral. Eram pessoas que tinham desenvolvido mais o aspeto intelectual da sua consciência e portanto identificavam-se menos com o desejo puro.

A certa altura, estas pessoas começaram a formar uma comunidade. Isto não significa que se reuniram numa espécie de clube, mas que seguiram orientações semelhantes, demonstrando formas de pensar semelhantes.

De facto, cada mudança na mentalidade começa com um ser humano, ou com um pequeno grupo de pessoas. Alguém vive de acordo com um certo conceito, uma certa idéia. As pessoas são atraídas e desenvolvem a mesma mentalidade. Ao início, esse pequeno grupo afasta-se da grande maioria. Contudo, o seu número aumenta e a certa altura estas pessoas são tão numerosas como aquelas que ainda não vivem de acordo com esta nova ideia. Portanto, durante um certo tempo existem duas mentalidades diferentes, uma ao lado da outra.

Os ciclos entrecruzam-se. Podemos ver isso em todo o lado. Não é como se o ciclo terminasse completamente e logo outro se iniciasse imediatamente. Da mesma forma uma nova geração não toma o lugar de outra quando esta desaparece. Habitualmente, um casal tem filhos quando está entre os vinte e os quarenta anos de idade, ou seja, quando estão a meio do seu ciclo de vida. Apenas quando a velha geração tem cinquenta, sessenta ou ainda mais anos, é que a nova geração tornar-se-á o fator decisivo no mundo. Portanto, durante muito tempo duas ou mais gerações coexistirão e viverão em conjunto. Aprendem uma com a outra através de interação contínua. O mesmo acontece em ponto grande. Quando os Atlantes estava no ápice da sua civilização – no seu Kali-Yuga – e quando quase toda a humanidade estava nessa fase de desenvolvimento, as primeiras pessoas da seguinte subfase – a quinta – na qual hoje vivemos, surgiram. A meio de uma raça Raça-raíz, a outra aparece.

Esse número de pessoas também cresce, e por fim, as sementes da nova e quinta humanidade ficaram isoladas geograficamente. Agora há uma Raça-raíz *sui generis*. Cria a sua comunidade com o seu próprio *Swabhāva*, a sua característica individual. Entretanto, a antiga humanidade termina o seu caminho em números cada vez mais pequenos e separa-se da nova humanidade. A separação destas duas humanidades anda de mão em mão com as alterações geográficas, dado que estes processos estão relacionados

de modo muito próximo com a vida da própria Terra, que também muda interna e externamente. Portanto, as antigas massas de terra afundam e novas emergem.

A Raça-raíz e o Mahā-Yuga

Uma Raça-raíz não é exatamente o mesmo que os Hindus designam por Mahā-Yuga. Dado que mal a nova humanidade é formada, age como um grupo independente e separado e torna-se o poder dominante na Terra, ainda existirão pessoas com a velha mentalidade da quarta Raça-raíz durante milhões de anos, até que a quinta Raça-raíz atinja o seu Kali-Yuga e as primeiras pessoas da sexta Raça-raíz se comecem a desenvolver. Só aí as pessoas da quarta raça irão desaparecer.

Elas desaparecem porque os corpos já não são adequados para a consciência expandida. O mesmo acontece com as roupas. Quando somos adolescentes, com treze ou catorze anos, já não conseguimos vestir as roupas da nossa infância. Esse tempo passou e essas roupas não mais são fabricadas, enquanto as roupas que estão à venda nas lojas são cada vez mais compradas.

Dito por outras palavras: toda a humanidade gradualmente incarna em novos veículos, os novos corpos da quinta Raça-raíz. Isso aconteceu porque a mentalidade mudou, mas não acontece ao mesmo tempo para todos. Cada homem ou cada grupo tem o seu próprio andamento e determina o seu processo de desenvolvimento.

Existem líderes e retardatários. É por isso que existe sempre uma diferença no desenvolvimento entre as pessoas.

Líderes e retardatários

Levanta-se a questão de como é que são possíveis tantas diferenças individuais, enquanto as leis cósmicas ainda determinam os ciclos na Terra. Podemos comparar a totalidade da humanidade a um grupo de corredores; alguns vão à frente, existe um grande número a meio e finalmente há também os retardatários. Os líderes são já capazes de avançar para a fase seguinte da maratona (que aqui significa a quinta Raça-raíz), enquanto a grande maioria não chegou ainda a essa fase.

Também podemos muito bem comparar a humanidade com uma turma de alunos. Para cada um ano letivo, existe um currículo definido. A partir de outubro aborda-se as frações, de fevereiro em diante as raízes quadradas e assim sucessivamente. Contudo, um aluno mais rápido pode já ter começado com as raízes quadradas em janeiro, enquanto outros não estão preparados para isso ainda em março. Ora, quando a determinada altura a maior parte

dos alunos estão prontos para somas complicadas e é-lhes permitido usar as calculadoras, isso também terá influência nos alunos que não estejam ainda preparados para isso. Embora as diferentes idades também apresentem o seu próprio “material de aprendizagem”, cada um determina a sua própria jornada evolutiva. A evolução da humanidade não é um processo automático, que acontece ao mesmo ritmo para todos. O indivíduo determina sempre se ele faz uso das possibilidades que se lhe apresentam. À medida que mais pessoas escolhem novas possibilidades, a certa altura a escala sobe para uma nova fase de evolução. Então, dizemos que a humanidade está na quinta Raça-raíz, porque essa nova mentalidade tornou-se o fator decisivo. Entretanto, metade da humanidade está ainda na quarta raça. Os contactos entre ambos os povos subsistem. Na verdade, a interação entre as culturas resulta em importantes lições de vida e cria uma forte atração em direção a uma nova fase evolutiva. De facto, as novas possibilidades, que a nova raça traz com ela, também têm a sua influência nos retardatários, tal como os melhores alunos de um determinado ano também influenciam os outros alunos.

No antigo épico da Índia, o Rāmāyana, existem alusões a estas duas humanidades que existiram lado a lado e que a certa altura estiveram em guerra uma com a outra. De um lado, estavam Rāma e os seus amigos, símbolo da nova humanidade, a quinta subfase, e do outro lado estavam os Rākshasas, liderados por Rāvana, também apresentados como demónios ou gigantes. Eles representam os Atlantes, e em particular as gerações degeneradas.

Depois do Kali-Yuga

Viver no Kali-Yuga é viver dentro de uma panela de pressão. No final, a alta pressão resulta no isolamento geográfico das sementes de uma nova humanidade, enquanto a velha humanidade termina o seu percurso em números progressivamente decrescentes.

Esta nova humanidade, sendo de início uma pequena minoria está então no seu Satya-Yuga: a idade de ouro e pacífica, na qual tudo acontece quatro vezes mais devagar que no Kali-Yuga. Entretanto, milhões de pessoas estão ainda na fase antiga. A pouco e pouco, mais pessoas fluem para uma nova fase, pois embora nos influenciemos mutuamente, a evolução é sempre um processo individual. Então, vem o momento no qual uma separação definitiva entre os dois tipos de humanidade tem lugar e que acontece em simultâneo com a alteração geográfica. Durante a transição da quarta para a quinta Raça-raíz foi a água que

transformou a superfície da terra; durante a transição da quinta para a sexta Raça-raíz será principalmente o fogo, através dos vulcões e dos terremotos.

Embora só tenham passado 5.000 dos 432.000 anos que tem a totalidade do Kali Yuga, na Europa grandes alterações irão começar depois de cerca de 16.000 anos, de acordo com a *Theo Sophia*. Seguramente a separação não acontecerá de um dia para outro; acontecerá durante séculos. No final, grandes partes da superfície, entre outras, na Europa Ocidental, irão afundar, enquanto novas terras irão emergir.

Kali-Yuga: expectativa, esperança, desafio e progresso

Em todos estes processos, nunca deveremos esquecer que nós próprios somos aqueles que atravessamos estas fases. Nós próprios passamos de um estado autoinconsciente para um estado cada vez mais autoconsciente. Em todo este processo, o Kali-Yuga é indispensável. Esta nova sexta raça será de uma natureza mais nobre do que na fase em que estamos de momento. A sociedade será muito mais baseada na compreensão e na compaixão.

De modo a chegar a este estado mais evoluído espiritualmente temos de atravessar o Kali-Yuga. Separamos o ouro do ferro com o calor. A pressão tem que aumentar de modo a se atingir o espiritual.

Portanto, a nossa presente Era não precisa de ser uma Idade negra, pelo contrário, deve ser de expectativa, esperança, desafio e progresso. Somos capazes de escrever história. As oportunidades para crescimento, para dar impulsos espirituais aos nossos semelhantes, nunca foram tão grandes como agora. Só precisamos de fazer uso delas.

Publicado na revista holandesa *Lucifer*, nº2, abril de 2011 e na *Lucifer* inglês, nº2 de 2014.

Notas

1. *Mahābhārata*, Livro 3: VanaParva: Markandeya-Samasya Parva: Secção CLXXXIX, <http://www.sacred-texts.com/hin/m03/m03189.htm>.
2. Ver: H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*. 2 Volumes, Theosophical University Press, Pasadena 1988, Volume 1, p. 424-425 (p. 377-378 orig. edição original em Inglês; p. 84-85 do vol. II da edição em língua Portuguesa).
3. W.Q. Judge, 'An Epitome of Theosophy'. Incluído em *Echoes of the Orient*. 3 Volumes, Point Loma Publications, San Diego 1987, Volume 3, p. 60.



Rāja e Hatha Ioga

Para a maior parte das pessoas no mundo ocidental a prática do ioga é uma forma popular de exercício físico e de controlo da respiração. Este sistema particular de ioga é conhecido como Hatha Ioga. Contudo, existem muitos outros sistemas de ioga, como o Rāja Ioga. Este artigo debruça-se especialmente sobre estes dois – por vezes contraditórios – sistemas de ioga.

Ideias chave:

» Ioga: ao praticar a disciplina atingimos a uniã com o nosso deus interior.

» Rāja ioga: ao praticar a concentração nos aspetos superiores (Ego humano e Ego espiritual) iremos ganhar controlo sobre os aspetos inferiores. Resultados: crescente consciãncia do deus interior (Ātman) e saúde física.

» Hatha ioga: coloca a tónica no treino do corpo físico através da prática de posturas e do controlo da respiração. Produz efeito nas energias psíquica e física e pode causar desarmonia física e psíquica.

» O Hatha ioga era no passado longínquo usado em casos espedais para ultrapassar obstáculos físicos ou psíquicos.

Muitas pessoas, neste mundo caótico, estão à procura de paz e tranquilidade na sua vida. Elas necessitam de tranquilidade mental e emocional para manterem o controlo sobre a sua vida turbulenta.

Por essa razão, a prática do ioga tem sido popular entre os ocidentais desde há muitos anos. Em quase todas as cidades ou vilas podemos fazer um curso de ioga. Existem milhões de pessoas que praticam ioga. Mas será que os instrutores destes cursos e os seus próprios alunos compreendem o propósito essencial do ioga e que energias todas estas disciplinas físicas podem evocar?

O que é o ioga?

Ioga (Yoga) é uma palavra sânscrita que se tornou parte do vocabulário de quase todas as línguas modernas, mas a explicação nos dicionários está na maior parte dos casos limitada a um único sistema de ioga: o Hatha Ioga. Contudo, na antiga Índia, um

grande número de outros sistemas de ioga sempre existiram. No *Bhagavad-Gītā* – uma escritura sagrada que é muito prezada no Oriente e Ocidente, e cujo conteúdo é quase totalmente sobre ioga – vários sistemas de ioga são descritos.

Literalmente ioga significa “jugo”. Metaforicamente significa disciplina, portanto praticar ioga significa seguir uma disciplina. Um jugo, contudo, une dois bois para funcionarem como um. É por isto que o ioga pode ser explicado como união. Ao praticar um tipo de disciplina nós atingimos a união. Ao praticar um tipo de disciplina nós atingimos a união.

Na Índia antiga, a escola de Ioga era uma das seis escolas filosóficas ou *Darśanas*. Acredita-se que esta escola foi fundada pelo sábio Patañjali. Tal como qualquer outra escola, a escola de Ioga não poderia existir sem instrutores ou gurus. As pessoas tinham permissão para praticar os exercícios de ioga apenas sob instrução de um

guru. Isto é de grande importância, pois, como já se referiu antes, existem vários sistemas de ioga, e apenas um verdadeiro instrutor é capaz de reconhecer o método correto para cada um dos seus alunos.

Bhagavad-Gītā: Diferentes formas de ioga

O *Bhagavad-Gītā* explica claramente estes vários sistemas de ioga. Dos dezoito capítulos, dezasseis deles (as exceções são os capítulos um e onze) lidam com os vários sistemas de ioga.

Embora as diferenças entre todas estas práticas de ioga sejam muito subtis para o ocidental, elas são sem dúvida mais do que contorção do corpo, posturas e exercícios respiratórios. Dificilmente encontraremos qualquer referência a exercício físico no *Bhagavad-Gītā*.

Na antiga Índia, os caminhos do ioga estavam associados com os quatro tipos principais de consciência humana. Ao praticar um tipo específico de ioga, que corresponda ao seu estado de consciência no momento, o iogue atinge a união.

A forma mais simples de ioga é o Karma Ioga, que tem como objetivo atingir a união pela ação. Devemos agir apenas por uma questão de correção da ação em si e não pelo resultado. As pessoas que praticam Karma Ioga ficarão perto da união ao servirem altruisticamente para aliviar o sofrimento, sem terem a esperança ou expectativa de receber algo em troca.

Bhakti Ioga é a prática do ioga através da devoção. Embora hoje em dia, na Índia, a devoção seja direcionada para deuses antropomórficos pessoais externos ao homem, o *Bhagavad-Gītā* ensina de forma clara a concentrar a nossa devoção no nosso deus interior (representado por Krishna) e no nosso ideal espiritual. No capítulo 10, sloka 20, do *Gītā*, Krishna diz: “Eu sou Ātman, Eu sou o Ser

[“I am the Self”, no original]. O meu lugar é no coração de todos os seres”.

A prática do Rāja Ioga resulta no domínio completo de todos os poderes inatos no homem, com o objetivo de usá-los para o benefício da humanidade.

Finalmente, o Jñāna Ioga tem como objetivo a união pela prática da sabedoria em cada situação.

Estes quatro sistemas por ordem consecutiva, requerem do iogue uma disciplina crescente. O Brāhmana, o tipo mais elevado de consciência, não deve por exemplo, apenas praticar Jñāna Ioga, assumindo-se que domina as outras três formas de ioga como pré-requisito.

A forma mais elevada de ioga é uma combinação de todos os quatro tipos das disciplinas de ioga.

Os exercícios de ioga devem permear todas as atividades da nossa vida diária, incluindo os nossos deveres sociais e cívicos, que variam conforme o tipo específico da consciência de cada indivíduo. O Ioga, na antiga Índia não significava apenas a execução de alguns exercícios para a obtenção de paz mental, mas estava completamente integrado na vida quotidiana.

Hierarquia do Hindustão

Se homens e mulheres cumprissem os seus deveres sociais e responsabilidades através da disciplina do ioga que correspondesse com o seu estado individual de consciência, existiria uma sociedade ideal.

Assinale-se que a qualidade da consciência individual não passa automaticamente de pais para filhos, como supõe o atual sistema de castas indiano. A ideia original deste sistema está na verdade ligada aos quatro tipos de consciência principais, mas ao pensarem erradamente que uma criança vai herdar a qualidade da consciência dos seus pais, esta ideia acabou por degenerar num horrível

Hierarquia de Hindustan

Tipo de consciência	Disciplina para desenvolver a consciência	Deveres
Brāhmana Sábio, sacerdote, filósofo	Jñāna ioga Prática da sabedoria	Calma, auto-controle, simplicidade, paciência, integridade, sabedoria, conhecimento, percepção espiritual
Kshatriya Guerreiro, funcionário público, gestor	Rāja ioga Contolo da mente	Coragem, glória, poder, determinação, não fugir ao perigo, generosidade, liderança
Vaiśya Comerciante, agricultor	Bhakti ioga Devoção, humildade	Agricultura, criação de gado e comércio
Śūdra Artesão	Karma ioga Ação	Complacência

sistema de divisão, exploração e injustiça. A verdadeira ideia dos quatro tipos de consciência formarem a estrutura de uma sociedade justa também pode ser encontrada na *Politeia* de Platão.

União - com quê?

Se o propósito do Ioga é procurar a união através da prática da disciplina, a questão óbvia é: “união com quê?” Alguém que acredita em Deus pode pensar numa união com Deus. Mas na filosofia do Ioga não pode ser este o caso.

Todas as antigas escolas hindus ensinam a natureza composta do homem. A consciência do homem pode ser dividida em diferentes camadas, diferentes planos, que estão inter-relacionados de modo hierárquico. Cada escola tem o seu próprio sistema. Na essência a ideia é a mesma, mas algumas escolas podem ser mais detalhadas na divisão do que outras. Todas as escolas partilham a ideia de uma base e de um topo. A base é o corpo, que tem a função de veículo. O topo é a raiz da nossa consciência, fonte a partir da qual os outros princípios abaixo fluem para a manifestação.

O objetivo do ioga é a união do homem pessoal – o tipo de consciência que a maioria das pessoas expressa na vida quotidiana – com aquele princípio mais elevado da sua natureza composta. Em sânscrito, esta raiz do nosso próprio eu chama-se *Ātman*, uma palavra que se pode traduzir como Eu [Self, no original]. Não se deve pensar neste Eu como um princípio ou fim absolutos, mas sim como um horizonte relativo para nós próprios, seres humanos. Ainda não temos a capacidade de olhar para lá dele. *Ātman* é a nossa principal ligação com o ilimitado. O homem pessoal deve abrir a sua consciência interior ao ponto em que ele percebe em si próprio o aspeto *Ātmico* e se torne uno com ele. Então ele perceberá que é uma parte do ilimitado, do infinito.

Camadas na consciência humana

Divino	Ātman
Espiritual	Buddhi
Mente	Manas
Desejo	Kāma
Vitalidade	Prāna
Astral	Linga-sarīra
Físico	Sthūla-sarīra

Entre *Ātman*, este topo relativo e o corpo físico existem diferentes etapas ou graus, que diferem entre si nas características. Quanto mais perto está a etapa ou o grau

de *Ātman*, mais intensa será a consciência da unidade de toda a vida e mais sublime será esta característica. Neste artigo, assumimos os seguintes graus: o divino, o espiritual, a mente, os desejos, a vitalidade, o astral e o físico.

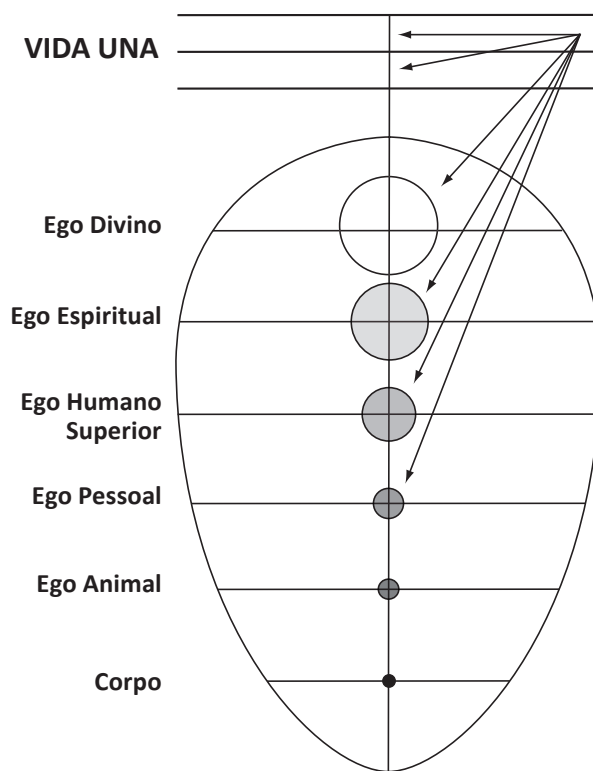
Corrente de consciência

Também se pode olhar para o homem como uma corrente de consciência. Nessa corrente, o raio divino atravessa etapas, níveis ou graus de consciência e a cada nível transforma-se numa força ativa. Conjugadas, estas forças ativas formam uma hierarquia de consciência, em que os graus de desenvolvimento mais elevados funcionam como uma comporta num canal, adequando a corrente de consciência para um grau menos desenvolvido.

Cada um destes pontos de transformação é um ser vivo com uma característica específica. Podemos chamá-la de Ego (um “Eu”). Em essência, cada Ego contém as mesmas qualidades que *Ātman*, o Ego Divino, a fonte a partir do qual ele flui, da mesma forma que um raio de sol possui dentro de si tudo o que é do Sol.

Portanto, todo o ser humano é uma composição de diferentes forças, energias e egos. Existe uma constante interação

Centros de consciência na corrente da consciência



e troca de todas estas forças. A vida corre continuamente entre essas diferentes entidades ou “transformadores” vivos.

Comunicação através da ressonância

As trocas na corrente de consciência acontecem por intermédio da ressonância.

Cada ponto de transformação funciona como um emissor-recetor, que se sintoniza com a frequência do grau de consciência ao qual pertence. Na mesma frequência de ressonância no qual transmite informação (ou energia ou consciência) – use a palavra que entender – também recebe informação. Se sintonizada, por exemplo, no plano do “desejo”, também receberá nessa frequência.

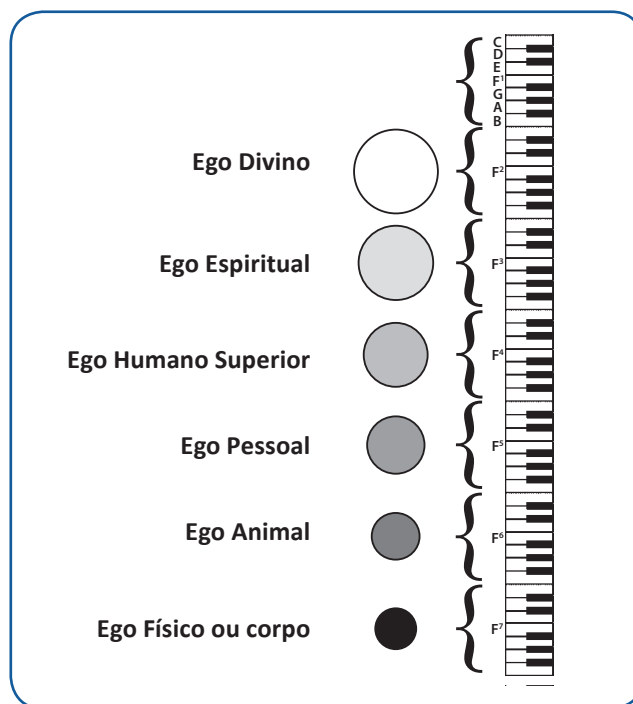
Compare-o com a música. Se tocar numa corda de guitarra, que se encontra afinada num certo tom, outra corda, afinada no mesmo tom, irá também vibrar ou ressoar.

Cada ego pode ser dividido em sete tons, que correspondem aos sete planos de consciência.

Em princípio, cada ser na corrente de consciência tem as mesmas qualidades disponíveis que todas as outras entidades têm. A única diferença está no número destas qualidades que já foram desenvolvidas. Suponham que no Ego Pessoal a nota Lá é executada, os Lá nos outros pontos de transformação irão ressoar e vibrar também, mesmo quando afinados numa oitava superior ou inferior. Portanto, tudo está interligado, conectado e cada pensamento, palavra ou ação vibra através de todo o nosso ser. Especialmente no caso da prática do ioga é importante entender que isto irá causar alterações na corrente de consciência. Sintonizarmo-nos num ego irá criar uma situação onde uma determinada energia poderá ou não fluir para o corpo. Se nos focarmos num dos egos superiores, o Ego Pessoal tornar-se-á mais acessível para os impulsos e pensamentos universais, enquanto, se nós nos concentrarmos no Ego Animal, será mais difícil captar ideias universais.⁽¹⁾

Rāja Ioga

Que energias estão em jogo no Hatha e no Rāja Ioga? O Rāja Ioga – ou Ioga Real – é um sistema dirigido a purificar o pensamento (manas) através da concentração no Ego Humano Superior ou Ego Espiritual. É o Ego Pessoal que pratica a disciplina. Ao dominar a sua mente ele fica mais perto de uma união com Ātman, o Deus interior. A disciplina é desenvolvida pela concentração no ideal mais elevado e no controlo da natureza humano-pessoal. É importante entender que é o Ego pessoal – a nossa consciência diária – que deve ser disciplinado, não os egos mais elevados. Deve-se referir que ser disciplinado não



significa que os elementos inferiores devam ser suprimidos ou negligenciados. De facto, os aspetos superiores da constituição hierárquica do homem guiam estes elementos no sentido de crescerem e evoluírem.

O *Bhagavad-Gītā* dá-nos a seguinte noção. Arjuna vai para a guerra numa quadriga, que é puxada por cavalos. Arjuna pôs as rédeas da quadriga nas mãos de Krishna. O simbolismo é claro. Arjuna é o Ego Pessoal que luta com a sua mente, por outras palavras, que quer desenvolver a parte espiritual da sua consciência. Os cavalos são as forças que emergem do Ego Animal, especialmente desejos e vitalidade. A quadriga é o símbolo do corpo físico e Krishna representa o Deus interior. Como interpretar isto? Porque o Ego Pessoal (Arjuna) se vira para os seus aspetos superiores (Krishna), ele é capaz de controlar os seus aspetos inferiores, o seu Ego Animal e o seu corpo. É importante perceber que é o Ego Pessoal que pratica a disciplina. Afinal de contas é Arjuna quem está lutando e Krishna quem dirige os cavalos. A consciência expande-se apenas através da nossa atividade e autodisciplina permitindo que alguma coisa dos mundos divinos e espirituais seja experienciada. Submeter o corpo a uma disciplina severa, seguindo uma dieta estrita ou regras ascéticas não irá conduzir a um vislumbre dos mundos divino-espirituais. A mente pode apenas experienciar as esferas divinas da consciência se focada nas partes mais elevadas da sua natureza. Por outras palavras, o Ego Pessoal deve ativar em si próprio os ideais mais nobres que possa imaginar,

para que possa ecoar com os Egos Humano Superior, Espiritual e Divino.

Dado que os egos superiores na corrente de consciência compreendem que há interligação com os outros seres, o despertar dessas forças deve ser acompanhado por amor por todos os seres vivos. O praticante de Rāja Ioga precisa de impregnar a sua mente com amor por todos os seres. No primeiro diagrama deste texto é mencionado que o Rāja Ioga é destinado para *Kshatriyas*, que se pode traduzir por funcionários públicos ou guerreiros. Num sentido mais lato e ético, este tipo de função refere-se a líderes e orientadores de pessoas. A luta que estes travam é contra a sua própria natureza inferior.

As qualidades que precisam de ganhar nesta batalha são delineadas no *Bhagavad-Gītā*. Devem ser estudadas a esta luz. A coragem dos *Kshatriyas* é necessária para conquistar os seus interesses pessoais. A sua glória vem de uma atitude impessoal. Sabedoria é a recompensa. Além disso, devem estar determinados em olhar o mundo com uma ampla visão universal. E generosidade, para resolverem problemas de um modo amigável.

Uma motivação altruísta é sempre essencial para o Rāja Ioga. Isto significa dedicar a própria vida a ajudar e inspirar outros. Uma vida tal conduz à purificação da pró-

pria consciência, pois quando nós, de forma ativa e sem interesse próprio, tentamos ajudar a resolver os problemas dos outros, isto estimula também o nosso próprio desenvolvimento.

Os efeitos do Rāja Ioga no corpo físico

Praticar Rāja Ioga ativa os poderes ao nível do Ego Humano Superior e do Ego Espiritual. O Ego Espiritual desperta quando contemplamos e vivemos os nossos ideais espirituais. Tal atividade manásica – sob a forma de visões, inspirações ou pensamentos impessoais – estabelece o contacto com o Ego Humano Superior (ver o diagrama em forma de piano).

Tal como mencionado anteriormente, todos os egos estão interligados, portanto a prática do Rāja Ioga também afeta o Ego Animal e o corpo físico.

A expressão em latim “*Mens Sana in Corpore Sano*” – mente sã em corpo são – é um exemplo da influência benéfica que a mente que o praticante do Rāja Ioga tem, na sua condição física. Quando reina a parte espiritual, o corpo físico irá funcionar mais harmoniosamente. O corpo ressoa em harmonia com a energia que procede do Ego Humano Superior e do Ego Espiritual. O resultado é um veículo são.



Praticantes de Hatha Ioga

O Hatha Ioga não é apenas um tipo de exercício físico para manter o corpo são e em forma. A tradução literal da palavra sânscrita *hatha* mostra-nos que Hatha Ioga é muito mais que isso. Hatha deriva da palavra sânscrita *hath*, que significa supressão. Isto implica “violência” ou “força”. Portanto ao praticar este sistema de ioga, o objetivo é atingir a união pela força.

A maioria das pessoas que pratica Hatha Ioga nos dias de hoje está à procura de paz mental e alguma tranquilidade nas suas vidas frenéticas. Elas sofrem de *stress* diário e estão à procura de um bom remédio. Encorajadas pela indústria *New Age*, pensam que o Hatha Ioga irá ajudá-las a melhorar a sua condição mental, emocional e física e assim a desenvolver a espiritualidade e um sentido mais forte de equilíbrio nas suas vidas. São portanto em geral pessoas com uma atitude positiva.

Técnicas de Hatha Ioga

O Hatha Ioga é um sistema que exerce uma determinada influência nas energias física e psíquica através de certas posturas (*Āsanas*) e exercícios respiratórios (*Prānāyāma*). Existe muita literatura descrevendo o impacto das posturas na consciência. A questão é contudo, se o Ego Físico (corpo físico), considerando a sua posição no cômputo da natureza composta do homem, pode influenciar de algum modo o Ego Humano Superior ou o Ego Espiritual. Claro que existe através da ressonância uma troca de energias de “baixo a cima”, mas em ordem a induzir as energias daqueles egos superiores a fluírem para o corpo físico, é necessário mais do que apenas certas posturas físicas.

O corpo físico é um instrumento que envia sinais para os egos superiores. Quanto mais um ego é desenvolvido, menos esses sinais são capazes de perturbar o equilíbrio. Uma certa dor física pode por exemplo irritar o Ego Pessoal, mas os Egos Espiritual e Humano Superior não são afetados por isso, embora por ressonância eles reconheçam o sinal. As posturas podem mudar as energias no corpo, que podem atingir os egos superiores nalguma medida, mas para uma efetiva influência dos egos superiores no Ego Pessoal, mais é necessário. Como iremos ver mais adiante, o motivo para exercitar estes *Āsanas* desempenha um papel importante. O verdadeiro significado de *Āsana* – sentar-se calmamente – é eliminar tanto quanto possível quaisquer influências perturbadoras que o corpo físico possa ter no Ego Pessoal, para que o Ego Pessoal se possa concentrar completamente nos egos superiores. Encontrar um sítio calmo onde se possa relaxar o corpo é habitualmente suficiente; uma

postura específica não é importante.

Os exercícios de controlo da respiração têm um efeito muito mais poderoso que as posturas corporais. O Hatha-iogue pretende, para além de paz mental, desenvolvimento espiritual. O sistema de Hatha Ioga que ele pratica, contudo estimula predominantemente os atributos psíquicos inferiores. Estes atributos estão localizados ao nível do Ego Animal e da mente inferior. O Ego Animal vive no mundo astral, um mundo invisível para os nossos sentidos físicos, mas que não é certamente um mundo espiritual. Ao praticar exercícios respiratórios como o *Kumbhaka* e o *Rechaka*, algumas partes psíquicas, pertencentes ao campo do Ego Animal, são paralisadas. Alguns dos processos vitais no corpo são temporariamente paralisados, bloqueando o fluxo de certas energias prânicas do Ego Animal para o corpo físico e vice-versa.

A motivação para o Hatha Ioga

A maior parte das pessoas não se apercebe que o motivo para a prática de qualquer sistema de ioga, determina os resultados que serão atingidos. Isto também se aplica obviamente ao Hatha Ioga. Ao praticar este sistema de ioga fazemos com que a nossa consciência fique mais sensível a todo o tipo de influências. Sem um motivo impessoal e altruísta, ficamos particularmente mais sensíveis a todo o tipo de influências astrais ativas no plano do Ego Animal. Alguém que pratica Hatha Ioga com uma motivação pessoal pode atrair todo o género de forças perigosas. Se ele soubesse mais sobre este assunto, pensaria duas vezes antes de praticar Hatha Ioga.

Quando o objetivo de praticar Hatha Ioga é manter o corpo em forma e saudável, podem existir diferentes motivações em questão. É o objetivo um corpo são de forma a ter uma vida fácil e confortável, ou quer-se um corpo são de modo a cumprir melhor os deveres na vida para benefício de toda a humanidade? A última hipótese produz um resultado diferente da primeira.

Praticar Hatha Ioga para o cultivo de capacidades psíquicas inclui sempre uma motivação pessoal e egoísta. Especialmente em (aparentes) assuntos espirituais, um motivo egoísta funciona contraproduzivamente, porque uma característica egoísta atrai influências no mundo astral com características similares, o que pode eventualmente conduzir a resultados desastrosos.

Os efeitos do Hatha Ioga

No início, o Hatha Ioga pode trazer ao praticante algum tipo de paz mental. Alguns pensamentos que torturam o

Ego Pessoal não são mais percecionados porque a “corrente descendente” está fechada.

O Hatha Ioga não é isento de risco, especialmente quando se pratica os exercícios obsessivamente e quando a motivação é adquirir poderes psíquicos. Todo o “sistema energético” entre os egos inferiores e superiores pode ser perturbado, resultando em todo o tipo de problemas mentais e emocionais. Pode ocorrer instabilidade emocional. O Hatha-iogue tornar-se-á demasiado sensível a muitas e diversas influências e ficará incapaz de controlar os seus pensamentos.

Doenças físicas como a tuberculose pode também ser um resultado desta prática.⁽²⁾

Finalmente – e estas são as piores consequências – todo o tipo de problemas psicológicos podem-se manifestar; em caso extremos, perturbações psiquiátricas graves.⁽³⁾

A partir da perspectiva que o homem é um ser composto, isto pode ser facilmente explicado. Os exercícios de controlo respiratório perturbam os processos normais e naturais. As partes inferiores da entidade composta tornam-se mais sensíveis às influências astrais e instintivas, que são originadas a partir do Ego Animal e Pessoal. A “antena”, por assim dizer, está afinada para os reinos astrais inferiores, o que permite a todo o tipo de influências astrais entrarem sem controlo. Isto cria perturbações nos processos físicos e também pode causar perturbações astrais na mente inferior.

Isso explica porque estes exercícios são perigosos para a saúde física e mental.

Pode-se argumentar que os resultados do Hatha Ioga diferem apenas um pouco do uso de álcool e drogas. Ambos bloqueiam alguns aspetos das correntes de consciência fluindo dos egos superiores para os inferiores, enquanto por outro lado as portas para os egos inferiores, especialmente do Ego Animal, ficam abertas de um modo incontrolado. Quando o Hatha Ioga conduz a um comportamento predominantemente passivo, é mais que provável que os fluxos vitais estejam bloqueados: eles não conseguem mais se manifestar. Quando todo o tipo de novos “sentimentos” surge, provavelmente uma restrição natural foi levantada. De facto, esses sentimentos e impressões não são novos. Eles já existiam no plano de consciência animal, mas estavam ocultos ou mantidos sob controlo pelo Ego Pessoal. Em alguns casos, pela prática do Hatha Ioga e de um estilo de vida físico estrito e ascético, as pessoas podem adquirir alguns poderes, que agora se designam por paranormais. Isto é provocado por uma sensibilidade crescente dos Egos Animal e Pessoal, que subseqüentemente

são abertos para receber certas influências. Para garantir que estas influências são puras e espirituais, a mente deve ser impessoal e altruísta, com uma visão universal e uma motivação compassiva.

Se não for esse o caso, o Hatha-iogue irá desenvolver apenas um poder limitado de penetrar conscientemente no plano astral com uma eficácia limitada. Não obstante possam estes poderes parecer interessantes, eles são transitórios e desaparecem com a morte. Considerando os perigos envolvidos, podemos reconsiderar se aspirar a estes poderes é uma atividade que valha a pena.

Hatha Ioga: um remédio em casos raros

Podemos nos perguntar porque o Hatha Ioga cresceu de forma tão popular apesar dos sérios perigos envolvidos. Quer no Ocidente, quer na Índia, o número de pessoas praticando Hatha Ioga ultrapassa de longe os que praticam Rāja Ioga. Existem também escolas que afirmam ensinar Rāja Ioga, mas na verdade elas apenas praticam uma variante de Hatha Ioga.

Uma explicação pode ser o facto das pessoas presentemente serem mais atraídas pelos fenómenos sensacionais e procurarem a excitação e alegria, em detrimento de seguirem de forma séria os preceitos éticos e senso comum que são parte do sistema Rāja Ioga. As pessoas querem resultados rápidos, embora seja uma ilusão pensar que através de um truque de magia, a consciência pode ser expandida. Esta ideia vem dos anos 60 do último século, e embora se tenha provado errada muitas vezes, as pessoas ainda acreditam nisso.

Isto conduz à questão de como um sistema perigoso como o Hatha Ioga apareceu. A resposta a esta pergunta levamos ao passado longínquo quando os Rāja-iogues ainda ensinavam as pessoas de modo mais ou menos aberto. Cada guru tinha os seus próprios *chelas* que praticavam os ensinamentos. Muito ocasionalmente, um chela podia sofrer de problemas físicos ou psíquicos, o que prejudicava o seu crescimento espiritual. Nessas situações, o Instrutor prescrevia algumas práticas de Hatha Ioga, tal como um médico prescreveria a um paciente um determinado remédio. Estes eram exercícios específicos prescritos por um Mestre, dirigidos a um aluno específico e praticados sob a sua supervisão. E a motivação do chela, era obviamente altruísta, caso contrário um Mestre nunca o teria aceitado como seu aluno. Apenas naquelas circunstâncias as práticas mencionadas poderiam ser benéficas e remover alguns obstáculos no processo de crescimento. Infelizmente, quando a autoridade dos Rāja-iogues

diminuiu, as noções do Hatha Ioga acabaram nas mãos de pessoas menos sábias que pensavam que os exercícios seriam benéficos para toda a gente. Mas quem iria a uma farmácia e pedir um grama de um remédio? Isto é o que acontece exatamente quando um estudante ignorante pergunta a um instrutor ignorante para lhe ensinar alguns exercícios de Hatha Ioga.

O caminho seguro

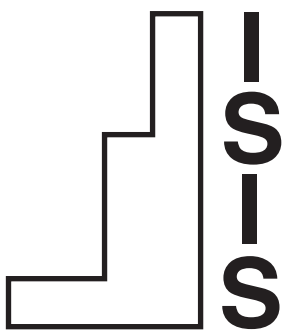
Como mencionado anteriormente, existe uma relação entre a popularidade do Hatha Ioga e os pensamentos e sentimentos turbulentos de que sofre muita gente hoje em dia. É um sinal encorajador que estas pessoas não desistam por desespero, mas que tentem ativamente fazer alguma coisa em relação aos seus problemas.

Na nossa opinião seria melhor se eles olhassem primeiro para as causas da sua inquietação e *stress*. Elas irão descobrir que estes sentimentos e pensamentos são sempre o resultado de uma visão pessoal limitada delas próprias e do mundo do qual fazem parte. Quando uma pessoa se identifica completamente com o Ego Pessoal, e vive na ilusão que está separada de uma grande corrente de vida, haverá sempre turbulência, porque a separação não existe. Portanto, se vivermos isolados, pensando que não somos responsáveis pelos outros, podemos esperar uma reação natural. A causa principal da nossa inquietação reside na visão pessoal do mundo em que vivemos e de nós próprios. Todo o desejo egoísta – incluindo um desejo pela calma interior – carrega em si próprio a semente da inquietação. Por essa razão seria muito melhor dedicar a personalidade ao serviço de todos. Este é o princípio do Rāja Ioga. O estudante nesse caminho pode às vezes cair e ter sentimentos de decepção, mas saber que ele é parte de onda de consciência sublime, fá-lo esquecer do desapontamento e de cada movimento em falso, sempre o inspirando a seguir em frente. Este Caminho Real é portanto o caminho seguro para a união com o Eu, um caminho que todos podem percorrer.

Publicado na revista holandesa *Lucifer*, nº2, abril de 2010 e na *Lucifer* inglesa, nº1 de 2013.

Notas

1. B. Voorham, Changes to body and Mind – the composite Human Constitution. Palestra, Conferência Internacional de Teosofia 2010, Haia, <http://www.stichtingisis.org/symposium/wp-content/uploads/2013/01/Barend-Voorham-Changes-to-body-andmind-tbvPDF.pdf>.
 2. Num artigo do The New York Times Magazine (<http://www.nytimes.com/2012/01/08/magazine/how-yoga-can-wreck-yourbody.html>). Consultado em 29 de Agosto de 2012) William J. Broad faz um resumo das lesões físicas causadas pelo Hatha Yoga.
 3. G. de Purucker, *Esoteric Instructions, No. 2. The Esoteric or Oriental School*. Point Loma Publications, San Diego 1987, p. 71-72.
-



Fundação I.S.I.S. e o curso Pensar Diferente

A Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for truth – Centro de Estudo Internacional para a Busca Independente da Verdade) é uma associada da Sociedade Teosófica Point Loma – Blavatskyhouse. A Sociedade é uma organização sem fins lucrativos, mantida por voluntários que trabalham para o bem-estar espiritual e mental da humanidade. A Fundação I.S.I.S. oferece uma porta aberta para todos os pensadores independentes – mais e menos jovens – que, em sua busca da verdade, querem compreender sua própria vida, a vida dos outros seres humanos, o que eles podem significar para os outros, e também tudo o que acontece na sociedade. A Sociedade oferece uma base de conhecimento, livre de dogma, que é em grande parte baseado no “Como” (Ciência), no “Porquê” (Filosofia) e no “Para onde” (Religião) na vida. Você pode visitar as nossas palestras e conferências, ou simplesmente estudar os nossos livros e revistas em casa.

Recentemente surgiu a possibilidade de seguir o nosso curso “Pensar Diferente” com recurso ao Skype. Portanto, pessoas de todas as partes do mundo podem participar neste

curso, no qual se aprende a conhecer as diferentes qualidades no homem. O curso oferece a oportunidade de expansão da consciência. É ministrado em inglês.

O curso é composto pelos seguintes componentes:

Lição 1 A natureza do pensamento humano

Qual é o foco do pensamento humano? A nossa maneira de pensar é saudável? Que contradições são evidentes na nossa maneira de pensar?

Lição 2 Realidade e ilusão

São as percepções sensoriais sempre infalíveis? O que está por trás do mundo dos fenômenos? Idealismo absoluto e objetivo. É possível aprender a reconhecer a realidade?

Lição 3/4 A consciência humana

A configuração da consciência humana. Uma investigação sobre os vários aspectos que compõem a consciência humana. Uma bússola para uma investigação sobre a orientação dos seus próprios processos de pensamento.

Lição 5 Homem, conhece-te a ti mesmo

Diretrizes para uma investigação so-

Course Thinking Differently



International
Study-centre for
Independent
Search for truth

www.blavatskyhouse.org

bre o seu próprio caráter. As noções de “bem” e “mal”. O que é a consciência? Egoísmo e altruísmo.

Lição 6 Dominar o pensar

As propriedades que desempenham um papel em todos os processos da natureza. Ser mestre do seu processo de pensamento. Diretrizes para analisar os processos de pensamento.

Lição 7 Pensamentos

O que são os pensamentos? Espírito e matéria em interconexão. É possível criar novos pensamentos?

Lição 8 Processos de pensamento

O que é o “pensamento subconsciente”? Como funcio-

nam os processos de pensar? Como você pode mudar a maneira de pensar?

Lição 9 Focar pensamentos

Transferência de pensamentos e ‘observar’ pensamentos. É possível ajudar os outros através do pensamento? Como pode você usar o poder do pensamento com segurança?

Lição 10 Alterar padrões de pensamento

“Sua vida é o que seus pensamentos fazem dela”. É possível mudar de caráter? O poder da imaginação. Criar ideias.

Lição 11 Pensar sem preconceitos – o método socrático

Conhecimento ou sabedoria? Julgar “fatos” e opiniões. Desenvolver o poder de discernimento. O que é correto? A essência das coisas.

Lição 12 O que pretende o ser humano

A maioria tem sempre razão? Porque é que a filosofia e a religião chegam a conclusões diferentes? É possível uma síntese? Que requisitos são necessários a uma filosofia de vida?

Após o curso “Pensar Diferente”, pode acompanhar o curso “Sabedoria de Vida”. O curso “Sabedoria de Vida” é baseado nas Sete Joias da Sabedoria e abrange 12 lições com os seguintes tópicos:

1. A vida e a morte
2. Causa e efeito
3. A estrutura hierárquica do cosmos
4. Hereditariedade e o desabrochar do Eu
5. A finalidade da vida e evolução autodirigida
6. Os dois caminhos de vida
7. O conhecimento do Ser Interior

Para mais informações sobre a Fundação I.S.I.S. e os cursos “Pensar Diferente” e “Sabedoria de Vida”, por favor consulte o site. Você também pode enviar um e-mail ou ligar para que possamos ver quais são as possibilidades de acompanhar o curso.

Além do mais, em nosso site www.blavatskyhouse.org oferecemos livros gratuitos e palestras online (transmitidas em direto).

A Fundação I.S.I.S. é uma ‘Organização de Utilidade Pública’ oficialmente reconhecida (veja: <http://www.anbi.nl>, no.50872). Doações são bem-vindas: www.blavatskyhouse.org/donations.

Lúcifer®

Cólofon

Escritório editorial
De Ruyterstraat 72-74
2518 AV Haia
Países Baixos
Tel. 0031 (0) 703461545
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Para assinaturas da versão inglesa de *Lúcifer*, envie por favor um e-mail para o escritório editorial.

© I.S.I.S. Foundation
Nenhuma parte da publicação pode ser reproduzida ou divulgada em qualquer forma ou por qualquer meio: eletrônico, mecânico por fotocópias, gravações ou qualquer outra forma, sem a autorização prévia dos editores.

Fundação I.S.I.S

A Fundação I.S.I.S. é uma abreviatura de International Study-centre for Independent Search for truth (Centro de Estudo Internacional para Busca Independente da Verdade).

O objetivo da Fundação I.S.I.S. é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através do estudo e da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação I.S.I.S. tenta concretizar este objetivo através de cursos, palestras, apoio à pesquisa pela verdade, publicação, venda e empréstimo de livros e revistas, e a promoção da aplicação desse conhecimento.

A Fundação I.S.I.S. está, por definição, acima da religião e acima da política e não recebe qualquer financiamento público.

Todas as atividades da Fundação I.S.I.S. são realizadas numa base voluntária. A organização não tem funcionários pagos.

A Fundação I.S.I.S. não é responsável por qualquer declaração ou opinião, publicada nesta revista, exceto quando mencionado explicitamente.

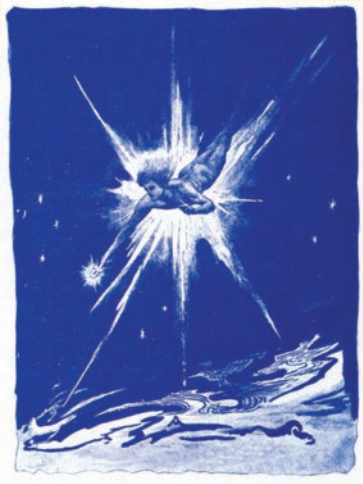


A Fundação I.S.I.S. é uma 'Organização de Utilidade Pública' oficialmente reconhecida (veja: <http://www.anbi.nl>, no. 50872). Doações são bem-vindas: www.blavatskyhouse.org/donations.

Fundação I.S.I.S.

As actividades da Fundação I.S.I.S. baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um fato na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento de própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer literalmente, significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com idéias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ...

Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para fatos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os fatos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspecto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887)